

REDATOR CHEFE:

Prof.^a Maria Laura Maciel Alves

COMISSAO EDITORIAL:

Prof.^a Edith Barreto

Prof.^a Maria Laura Maciel Alves

Prof.^a Noemia Echenique Magalhães

O conteúdo dos artigos é da responsabilidade dos respectivos autores.

Aceitam-se apreciações bem como permuta com revistas congêneres.

Toda correspondência deve ser dirigida ao seguinte endereço:

MARIA LAURA MACIEL ALVES

CADERNO DE LETRAS

Núcleo de Estudos Lingüísticos

Depto. de Letras - Instituto de Letras e Artes

Universidade Federal de Pelotas

Rua Barão de Santa Tecla, 408

Pelotas — 96.010 — RS — Brasil

COLABORARAM NESSE NÚMERO

JOSÉ ÉDIL DE LIMA ALVES

Professor adjunto de Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa do Depto. de Letras do ILA, UFPel.

Ex-professor do Depto. de Letras do ILA/PUC-RS.

Doutor em Letras (UFRJ).

ANTONIO HOHLFELDT

Professor de Teoria da Comunicação, Literatura Brasileira, Literatura Gaúcha, Psicologia Social e Opinião Pública da PUC-RS.

Colaborador do Diário do Sul.

Especialista em Letras (UFRGS).

CARMEN LÚCIA MATZENAUER HERNANDORENA

Professora assistente de Língua Portuguesa do Depto. de Letras do ILA, UFPel.

Especialista em Lingüística.

MÁRIO OSÓRIO MAGALHÃES

Professor assistente do Depto. de Ciências Sociais e Filosofia do ICH, UFPel.

Especialista.

MARIA LAURA MACIEL ALVES

Professora assistente de Língua Francesa do Depto. de Letras do ILA, UFPel.

Especialista.

PEDRO LUIZ BRUM FICKEL

Professor de Língua Inglesa das Escolas Fisk, em Pelotas, RS.
Aluno do Curso de Letras do ILA, UFPel.

CADERNO DE LETRAS

ANO V	N.º 5	1987
QUIXOTE		05
Mário Osório Magalhães		
O MENINO CRESCE		09
Mário Osório Magalhães		
ANALISE CONTRASTIVA DE ERROS:		13
have — ter em português e there to be — have em inglês		
Pedro Luiz Brum Fickel		
ESPINHOS DE UMA FLOR DO LÁCIO		20
Pedro Luiz Brum Fickel		
LA PRODUCTION ÉCRITE A PARTIR DU TEXTE LITTÉRAIRE		27
Maria Laura Maciel Alves		
O EMPREGO DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL		45
Carmen Lúcia Matzenauer Hernandorena		
BABILÔNIA E SIÃO — oposição temporal como causa da mudança		73
José Édil de Lima Alves		
CRÍTICA LITERÁRIA NO RIO GRANDE: problema a ser solucionado agora		85
Antonio Hohlfeldt		
CAPA: Programação visual de Lenir de Miranda do Depto. de Artes Visuais do ILA/UFPel Impressão: Gráfica da Universidade		

IMPRESSÃO DO TEXTO: Livraria Mundial

PATROCÍNIO: Comercial Importadora e Exportadora
Cimeprol Ltda.
Extrafruta Indústria da Alimentação Ltda.
Joaquim Oliveira S/A.
Livraria Mundial.

POR INCRÍVEL que pareça, um dos nossos políticos emitiu, um dia desses, juízo com o qual concordo de fio a pavio: Disse ele que os jornalistas, ao utilizarem trechos dos seus discursos ou entrevistas, eventualmente adulteram suas declarações. Quis dizer que a mensagem, para ser bem entendida, exige a compreensão correta do texto global.

De fato, isolar partes de qualquer coisa que seja, no terreno das idéias, é uma tarefa delicada, de alta responsabilidade. Mas às vezes dá certo. A obra de Cervantes — para entrarmos de uma vez no assunto — tem um trecho simbólico de invulgar significado: a descrição da luta do fidalgo manchego contra os moinhos de vento. É, por acaso, o momento-síntese. O delírio do Quixote.

QUIXOTE

Mário Osório Magalhães

1985 logo o pensamento: mesmo tendo perdido a mão esquerda na batalha de Lepanto, Cervantes intelectualmente não teve motivos para se sentir mutilado, ao contrário do eminente político brasileiro.

Pessoalmente, tenho uma preferência um tanto original por um outro trecho do Dom Quixote de La Mancha. Digo original talvez por ignorância: é que jamais encontrei, sobre ele, qualquer comentário crítico, embora o próprio Autor reconheça que "as loucuras de Dom Quixote ultrapassariam a vida e a morte de quantas se podem imaginar".

Trata-se do capítulo X, o segundo do livro I. Em resumo, o assunto é o seguinte: Don Quixote, ao sair de casa para ir a uma aventura, encontra-se com o escudeiro Sancho Pança, que lhe oferece um

POR INCRÍVEL que pareça, um dos nossos políticos emitiu, um dia desses, juízo com o qual concordo de fio a pavio. Disse ele que os jornalistas, ao utilizarem trechos dos seus discursos ou entrevistas, eventualmente adulteram suas declarações. Quis dizer que a mensagem, para ser bem entendida, exige a compreensão correta do texto global.

De fato, isolar partes de qualquer coisa que seja, no terreno das idéias, é uma tarefa delicada, de alta responsabilidade. Mas às vezes dá certo. A obra de Cervantes — para entrarmos de uma vez no assunto — tem um trecho simbólico de invulgar significado: a descrição da luta do fidalgo manchego contra os moinhos de vento. É, por assim dizer, o seu momento-síntese. O delírio do Quixote fica perfeitamente definido quando ele julga que os moinhos são gigantes e por isso os combate. Só que essa afirmativa é tão óbvia que concluo logo o pensamento: mesmo tendo perdido a mão esquerda na batalha de Lepanto, Cervantes intelectualmente não teve motivos para se sentir mutilado, ao contrário do eminente político brasileiro.

Pessoalmente, tenho uma preferência um tanto original por um outro trecho do **Dom Quixote de La Mancha**. Digo original talvez por ignorância: é que jamais encontrei, sobre ele, qualquer comentário crítico, embora o próprio Autor reconheça que “as loucuras de Dom Quixote ultrapassaram aqui o termo de quantas se podem imaginar.”

Trata-se do capítulo X da segunda parte. Em resumo: o cavaleiro da triste figura, próximo de El Toboso, manda que Sancho vá à cidade e que não retorne sem antes ter transmitido a Dulcinéia o seu desejo de revê-la. Sancho concorda e parte, mas cheio de inquietação: como encontrar aquela que o seu

amo imagina “o sol da formosura” e que nenhum dos dois jamais tinha avistado? (Quixote estava certo que sim, no seu delírio, e Sancho mentia que sim, no seu interesse). Para alegria de Sancho, viu que saíam de El Toboso três camponesas montadas em burricas. Estava ali a solução, Vai ter com Quixote e faz com que ele se aproxime da estrada, onde irá encontrar a Princesa, toda “ouro, pérolas, diamantes, etc.”, acompanhada de duas damas. (O homem que trocava pobres hospedarias por castelos suntuosos certamente se convenceria). Quixote olha e afirma não ver senão três camponesas montadas em burricas. Sancho manda que ele esfregue os olhos e aponta para aquela que seria a dama dos seus pensamentos. Quixote, por mais que se esforce, segue vendo uma moça aldeã, de cara larga e feia. Depois de muitas confusões — as camponesas a dizer improperios, Quixote de joelhos a tentar convencer-se, Sancho a esbravejar, **Dulcinéia** a correr pelo campo afora — o capítulo conclui de um modo primoroso. Dom Quixote lamenta-se por ser o homem mais desgraçado do mundo: os nigromantes, seus inimigos, o haviam novamente enfeitado, transformando a dama “mais perfeita e bem acabada” em mulher de tão vil condição e tão feia como aquela aldeã.

Tenho pra mim que essa passagem é extraordinária — o meu “melhor momento” do Quixote, digamos assim. Extraordinária porque aquele que via sempre estrelas nos charcos desta vez não vê senão charcos nos charcos. Só que, na sua lógica(?) muito pessoal, supõe que uma força sobre-humana lhe faz charcos onde na realidade deviam luzir estrelas. Insuperável Quixote!

ESTAVA SENTADO na varanda da casa de veraneio quando ele fez uma provocação qualquer, não me lembro qual, e eu re-lhei com ele. Quando se profundamente, tomou a direção da calçada e disse que ia embora, não voltava mais. Tinha dois anos e meio. Foi em 82, sei porque era o primeiro dos dois anos em que alugamos aquela casa de verão.

O portão ficou entreaberto e, embora o muro fosse baixo, eu não divisava da varanda a diminuta figura daquele menino que ia embora de casa para sempre, sem mais e sem dinheiro, vestindo apenas um calção de banho. Ergui-me lentamente e me dirigi agachado para o portão a fim de que ele não me visse mas temeroso de que descesse a calçada a partir do esquina. Estava preparado para a fuga, porque aquela esquina era perigosa, de muito movimento.

O MENINO CRESCE

Mário Osório Magalhães

Quando pus os olhos na extensão da calçada, ele vinha voltando, também vagaroso, talvez um pouco assustado com a sua própria ousadia. No instante em que me viu, abrimos os dois um amplo sorriso, correndo, nos abraçamos fortemente, e ele formulou esta ótima pergunta àquele pai injuriado que já tinha lágrimas no rosto:

— Fui eu que voltei ou tu que me provocaste?

Hoje é o dia da má fortuna. E na primeira vez do primeiro grau. Anos muito difíceis e convulsos. O menino cresceu, já sabe a história. É muito feliz. Lá bem no início, no primeiro ano, ele chegou à casa de verão, e ficou lá por dois dias, com o pai e a mãe, e depois voltou para casa. Não se lembra mais de nada. Não sabe mais quem é quem. Não sabe mais quem é quem.

ESTAVA SENTADO na varanda da casa de veraneio quando ele fez uma travessura qualquer, não me lembro qual, e eu ralhei com ele. Ofendeu-se profundamente, tomou a direção da calçada e disse que ia embora, não voltava mais. Tinha dois anos e meio. Foi em 82. sei porque era o primeiro dos dois anos em que alugamos aquela casa de verão.

O portão ficou entreaberto e, embora o muro fosse baixo, eu não divisava da varanda a diminuta figura daquele menino que ia embora de casa para sempre, sem mala e sem dinheiro, vestindo apenas um calção de banho. Ergui-me lentamente e me dirigi agachado para o portão a fim de que ele não me visse mas temeroso de que descesse a calçada a partir da esquina. Estava preparado para correr: a rua da esquina era perigosa, de muito movimento.

Quando pus os olhos na extensão da calçada, ele vinha voltando, também vagorosamente, talvez um pouco assustado com a sua própria ousadia. No instante em que me viu, abrimos os dois um amplo sorriso, corremos, nos abraçamos fortemente, e ele formulou esta ótima pergunta àquele pai injusto que já tinha lágrimas no rosto:

— Fui eu que voltei ou tu que me procuraste?

Hoje é o dia da sua formatura... na primeira série do primeiro grau. Ando muito contente e comovido, vendo aquele menino crescer, já sabendo ler, já escrevendo corretamente. Lá bem no íntimo, no entanto, eu sei: é como se depois de uma travessura ele estivesse começando a se dirigir ao quarto para trocar o calção de banho. Daqui da varanda eu observo tudo: ele vai se preparando; daqui a alguns anos, vai fazer as malas e, com dinheiro no bolso, vai tomar a direção da calçada. Deixará uma cama vazia e um portão batendo.

É certo que não irá brigado comigo, muito pelo contrário. Como grande amigo, eu terei de incentivá-lo, animá-lo para que ele caminhe a passos largos e chegue confiante às esquinas mais perigosas e às ruas mais movimentadas.

Só que de nada valerá eu chegar ao portão e ele olhar para trás. Nem ele pode voltar e nem eu posso procurá-lo. Quando ele me visitar, às vezes, já estarei conformado e não me correrão lágrimas no rosto. Também não terei forças e o próprio pudor me impedirá de segurar no colo esse menino grande.

Erros de seguinte tipo foram constatados em trabalhos escritos por alunos do curso de extensão universitária "Inglês Nível Médio" da UFPel:

(1) I think WILL NOT HAVE many changes.

(2) It WONT HAVE enough food.

(3) What kind of persons WILL HAVE?

ANALISE CONTRASTIVA DE ERROS:

imperiais em português com THERE TO BE-HAVE em inglês;

um segundo objetivo é o de estimular o uso de material contrastivo pelo professor de inglês como língua estrangeira, es-

pecificamente no ensino escrito para estudantes brasileiros.

have — ter em português

e

there to be — have em inglês

Tal uso se justifica visto que as gramáticas e livros-texto

utilizados no ensino de língua inglesa, em sua maioria, não se

utilizam de uma análise contrastiva, pela falta de serem, muitas

vezes, destinados ao uso em países de línguas diferentes; por

outro lado, uma gramática contrastiva para o ensino

do inglês por brasileiros é necessária.

Pedro Luiz Brum Fickel

Trabalho realizado em Lingüística II

Curso de Letras — ILA — UFPel

Os erros acima citados são frequentes na produção oral

e escrita dos falantes nativos do português ao estudarem a lí-

ngua inglesa.

1986

Nota-se, nesse exemplo, a interferência da língua ma-

terna na estruturação da frase em inglês. Não permite com-

mento, qualquer que seja a letra ou posição no REGIS-

TRU entre HAVE-TOE e HAVE-TO, a presença de qual uso

de "to" que seja, visto que "to" não é uma letra.

Erros do seguinte tipo foram constatados em trabalhos escritos por alunos do curso de extensão universitária "Inglês Nível Médio" da UFPel.

- (1) § I think WILL NOT HAVE many changes.
- (2) § It WON'T HAVE enough food.
- (3) § What kind of persons WILL HAVE?

Este trabalho tem por objetivo comparar HAVER-TER impessoais em português com THERE TO BE-HAVE em inglês; um segundo objetivo é o de estimular o uso de material contrastivo pelo professor de inglês como língua estrangeira, especificamente no ensino corretivo para estudantes brasileiros.

Tal uso se justifica visto que as gramáticas e livros-texto utilizados no ensino da língua inglesa, em sua maioria, não se utilizam de uma análise contrastiva, pelo fato de serem, muitas vezes, destinados ao uso em países de línguas diferentes; por outro lado, uma grande parte dos livros didáticos para o ensino do inglês publicados em nosso país mantém essa lacuna.

Os erros acima citados são freqüentes na produção oral e escrita dos falantes nativos do português, ao estudarem a língua inglesa.

Nota-se, nesses exemplos, a interferência da língua materna na estruturação da frase em inglês. Num primeiro momento, acreditamos que isso se deva a uma questão de REGISTRO entre HAVER-TER impessoais do português, a qual não encontra uma correspondência direta na língua inglesa.

O termo REGISTRO é amplamente utilizado em sociolinguística referindo-se a "variedades de acordo com o uso", o que significa que um indivíduo pode se utilizar de diferentes

itens lingüísticos para expressar mais ou menos o mesmo significado em situações diferentes, conforme sejam estas mais — ou menos — formais.¹

No português falado no Brasil, utiliza-se o verbo impessoal HAVER, com o sentido de existência, num registro formal, e presencia-se a impessoalidade do verbo TER, com o mesmo sentido, num registro informal; este último pode se constituir, portanto, numa variante lingüística e num caso de mudança em processo em nossa língua.

Celso Cunha define verbos impessoais como aqueles que, não tendo sujeito, são invariavelmente usados na 3.^a pessoa do singular; assim, os verbos que exprimem fenômenos da natureza (como CHOVER e VENTAR), o verbo HAVER na acepção de existir, o verbo FAZER quando indica tempo decorrido, são impessoais na língua portuguesa.²

A presença de TER-impessoal na linguagem coloquial é marcante: após terem sido questionados em sala de aula, os alunos cujos trabalhos analisamos foram unânimes ao dizer que frases como

(4) Onde é que TEVE um incêndio?

e

(5) Dizem que vai TER uma nova eleição
soam para eles mais naturais do que

(6) Onde é que HOVE um incêndio?

e

(7) Dizem que vai HAVER uma nova eleição

THERE TO BE é, em inglês, a forma equivalente a HAVER-TER impessoais do português:

"When we tell people that something exists — or does not exist — we usually begin the sentence with **THERE IS**, **THERE ARE**, etc., and put the real subject after the verb."³

(9) There **IS** a student in the classroom

(8) There **ARE** many students in the backyard

Por outro lado, o verbo **TO HAVE** indica basicamente posse, e não existência, em inglês (embora possa ter outros significados):

"**HAVE** is used to refer to the relationship between a person and his belongings, or to anything and its attributes. (...) It may be used as an informal substitute for either possess or own: a way of smiling that **HAS** great charm; families that **HAVE** more than one car."⁴

HAVE também pode denotar "family relationship", como em (10) She **HAS** a brother

Como se pode constatar, **THERE TO BE** e **HAVE** mantêm significados distintos, não apresentando variação de registro equivalente à de **HAVEN-TER** impessoais do português.

O erro do aluno origina-se do fato de ele tentar encontrar uma correspondência direta entre **TER**-impessoal do português e **HAVE** do inglês, já que este último significa, literalmente, **TER**. Destarte, compreende-se a motivação que o leva a escrever formas como as que foram inicialmente citadas...

(1) § I think **WILL NOT HAVE** many changes

(2) § It **WON'T HAVE** enough food

(3) § What kind of persons **WILL HAVE**?

... enquanto que as formas adequadas corresponderiam a:

- (1) I think THERE WILL NOT BE many changes?
- (2) THERE WILL NOT BE enough food
- (3) What kind of persons WILL THERE BE?

A partir das considerações anteriores e da constatação de uma situação de interferência de língua materna no aprendizado de língua estrangeira, deve o professor elaborar material didático de enfoque contrastivo.

Para tal, torna-se indispensável a coleta de material, ou seja, a constituição de um CORPUS BÁSICO a partir do qual poder-se-á fazer análise contrastiva de erros e serão propostas hipóteses sobre as suas origens, assim como técnicas para a sua correção.

Segundo Corder, o estudante adquire o conhecimento de uma língua estrangeira por meio de exemplos da língua; esses exemplos podem ou não ser acompanhados de descrições ou explicações para facilitar a aprendizagem dos itens; a falta de explicações ou descrições pode ser a causa dos erros feitos pelos alunos.⁵

Em nosso estudo, verificou-se que o uso do verbo TER num registro informal da língua portuguesa, com o significado de "existir", interfere na elaboração da frase em inglês, cuja estrutura usual correspondente é THERE TO BE.

Sugere-se, portanto, uma atenção especial à questão REGISTRO em ambas as línguas — o aluno deve estar ciente de que poderá usar certas estruturas em determinadas situações, e, também, de que estas mesmas estruturas podem ser inadequadas em situações distintas; pela análise contrastiva, verificar-se-á a correspondência ou não dessas estruturas entre os idiomas analisados.

O uso de dados contrastivos e exercícios de tradução, substituição e transformação, entre outros, pode ser útil no ensino contrastivo, em casos como os de HAVER-TER em português e THERE TO BE-HAVE em inglês.

O objetivo último desses exercícios é o de reduzir o número de erros ocasionados pela interferência da língua materna no aprendizado de uma língua estrangeira.

1. HUDSON, R. A. Sociolinguistics. Cambridge University Press, Cambridge, 1980.
2. CUNHA, Celso F. Gramática da língua portuguesa. FENAMÉ, Rio, 1975.
3. SWAN, Michael. Practical English usage. Oxford University Press, Oxford, 1982, verbete 600.
4. HAYAKAWA, S. I. Cassell's notebook guide to synonyms and related words. Cassell, London, 1981, p. 443-3.
5. CORDER, S. P. Introducing applied linguistics. London, Penguin, 1973.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. HUDSON, R. A. *Sociolinguistics*. Cambridge University Press, Cambridge, 1980.
2. CUNHA, Celso F. *Gramática da língua portuguesa*. FENAME, Rio, 1975, p 423.
3. SWAN, Michael. *Practical English usage*. Oxford University Press, Oxford, 1982, verbete 600.
4. HAYAKAWA, S. I. *Cassell's modern guide to synonyms and related words*. Cassel, London, 1981, p 442-3.
5. CORDER, S. Pit. *Introducing applied linguistics*. London, Penguin, 1973,

Caí a tarde
Pela janela do living
Acompanho
Meu sol romântico tombar gentilmente
E atravessar a linha do far-west
Olhos fixos no crepúsculo
Anseio novo raiar
Decido-me:
Vou procurar uma fonte de luz
Rompedora do smog envolvente
Que me seduz
Avanço passos peregrinos

ESPINHOS DE UMA FLOR DO LÁCIO

Pedro Luiz Brum Fickel

Do meu castelo vernacular
Lá dentro o ar é modorrento **1 9 8 6**
E eu, pelas passagens do lugar
Faço footing vocabular
De entrada, no hall deparo-me
Com um excêntrico abat-jour bege
E cortinas, importadas e de nylon
Na tevê, flashes do cotidiano
Através do noticiário fico sabendo
Que em futebol há doping
Deputados vão a festa de marketing

A vida é um jogo de cartas
E o jogo é sempre o mesmo
Mas quem ganha é quem
Joga com a cabeça

Cai a tarde
 Pela janela do living
 Acompanho
 Meu sol semântico tombar gentilmente
 E atravessar a linha do far-west
 Olhos fixos no crepúsculo
 Anseio novo raiar
 Decido-me:
 Vou procurar uma fonte de luz
 Rompedora do smog envolvente
 Que me seduz
 Avanço passos peregrinos
 Vou ao seu encontro
 Abrindo o solene portal
 Do meu castelo vernacular
 Lá dentro o ar é modorrento
 E eu, pelas passagens do lugar
 Faço footing vocabular
 De entrada, no hall deparo-me
 Com um excêntrico abat-jour beige
 E cortinas, importadas e de nylon
 Na tevê, flashes do cotidiano
 Através do noticiário fico sabendo
 Que em futebol há doping
 Deputados vão à festa de smoking
 A ainda recebem jeton!
 Fala-se, outrossim, de um possível complot
 Mais alguns passos
 Prossigo minha tournée
 A sala ao lado tem vidro fumé

Que dá para o trottoir
 Onde percebo garotas do luar
 Cobertas de make-up a me fitar
 Observando a cena
 Pe-emes do batalhão
 Vão iniciar uma blitz
 Walkie-talkie na mão
 Na rua um outro container passa
 Carregado pelo caminhão
 Sigo em frente
 Logo ali no salão, um bar
 Paro e peço um drink
 "On the rocks, senhor?" pergunta o garçon
 "Não, puro"
 Essa é de matar...
 Tenho medo de delirium tremens e bebo pouco
 Mais alguns passos
 Detenho-me diante da porta entreaberta
 De uma câmara particular
 De dentro, mademoiselle ainda de **chambre**
 Convida-me para entrar
 E me conta:
 Apronta-se para seu darling
 Ela, uma autêntica lady
 Ele, um irreverente playboy
 Irão se encontrar no derby
 Desejo um happy end
 Mas não fico para assistir
 O final da performance
 Sem mais delongas, despeço-me bye-bye

Avante
Na cozinha tem buffet
Servem lasagna e risotto
Nem paro, perdi a fome
Agora é ir até o fundo do fosso
Desço à masmorra
É lá que descubro o Brasil:
Somos prisioneiros de uma máquina de xerox
Que faz cópias de best-sellers importados
O fio perdido da meada
É também o fim da linha
Estou exausto
E retorno voando
Com o brevet de piloto que nunca tirei
Do alto
Visualizo as estranhas pedras
Desse meu castelo-lar
São de pedreiras diversas
Fragmentos d'além mar
E caso você ainda não tenha percebido
O portal de meu castelo é guarnecido
Pela rosa-guardiã-fulgurosa
Dizem ser ela do Lácio derradeira
Mas que não vive totalmente solteira
Tem parentes alhures
Desço
Contemplo reverentemente
Minha última flor querida
Acredite-me
É por ela que respiro a vida

Humilde vassalo, indago:

“Por que tantos espinhos em teus caminhos?”

A flor esfinge, ladina

Retoricamente decifra-me:

“Você já viu alguma rosa

Por mais formosa

Sem espinhos?”

Minha rosa-flor-pátria-novilatina

Tua maleabilidade me comove

E sigo

Peremptórias passadas em frente

Conformado.

Avante

Na cozinha tem “?”
Serem lassas e risotto

Nem raro, perdi a fome
Agora é ir até o fundo do fosso

Desço à mananeta
É lá que descubro o Brasil:

Somos prisioneiros de uma mananeta
Que faz cópias de best-sellers

O fio perdido da meada
É também o fim da linha

Estou exaurido
E retorno voando

Com o brevet de piloto que nunca tirei
Do alto

Visualizo as estranhas pedras
Desse meu castelo-lar

São de pedras diversas
Fragmentos d'almém mar

E caso você ainda não tenha percebido
O portal de meu castelo é guardado

Pela rosa-guardiã-fulgurosa
Dizem ser ela do Lácio deardano

Mas que não vive totalmente sob terra
Tem parentes alhures

Desço
Contemplo reverentemente

Minha última flor
Acredite-me

É por ela que...

LA PRODUCTION ÉCRITE À PARTIR DU

TEXTE LITTÉRAIRE

Maria Laura Maciel Alves

Comunicação apresentada no VIII Congresso Nacional de
professores de francês realizado em Porto Alegre,
em fevereiro de 1987

Comment faire lire et comment faire écrire? C'est en réfléchissant à ces deux problèmes que j'ai entrepris un travail, depuis 1985, avec les étudiants en Lettres de l'Université Fédérale de Pelotas, RS, du 3e., du 4e. et du 5e. semestres. Donc, à partir du 3e. semestre, on lit ensemble en classe des textes littéraires authentiques: des contes, des nouvelles et même des romans (une fois par semaine, deux heures de cours). Un élève lit à haute voix un morceau du texte, qui est ensuite raconté ou résumé oralement en français par un autre élève. Après s'être imprégnés du texte littéraire, les étudiants font à la maison plusieurs exercices de production écrite. Le texte qu'ils ont lu en classe est en même temps un point de départ et un point de repère qui les inspire et les guide dans la création de leurs propres textes. Les exercices dont il sera question ici obéissent tous au même principe: pour écrire et pour créer, surtout au début, il faut des modèles et des contraintes.

Voici les exercices que je fais faire à mes élèves, après la lecture d'un texte littéraire:

a) **imaginer la suite d'un récit.** Ils lisent une histoire interrompue, sans dénouement. Ils doivent inventer la suite. Ils ont lu, par exemple, "L'Orphelin", de Maupassant (in "Contes et Nouvelles", tome II, classiques Larousse) jusqu'à la ligne 113: "Mais dès qu'elle avait tourné le dos, elle sentait de nouveau...". A partir de cette phrase inachevée, ils ont dû bâtir leur histoire. Ensuite, ils ont comparé leur dénouement à celui de Maupassant. (voir documents n.º 1, 2, 3, 4).

b) **faire une adaptation théâtrale.** Ils ont lu "Philomel Cottage", d'Agatha Christie, in "Le Mystère de Listerdale", éditions Poche, et ils en ont fait une adaptation théâtrale (voir document n.º 5).

c) **écrire une histoire à partir de quelques phrases du récit.** Ils ont créé une petite histoire à partir des phrases suivantes: "Une seule pensée occupa tout le jour Daniel. Il attendit la nuit avec impatience. Et, quand elle fut venue, il reprit le chemin de Chartres. Ils avaient lu "Visions nocturnes et rêveries", in "La Princesse de Clèves", éditions Nouveaux Classiques Larousse, où il y avait les phrases; "Ces mêmes pensées occupèrent tout le jour M. de Nemours; il attendit la nuit avec impatience; et, quand elle fut venue, il reprit le chemin de Coulommiers". Ce texte les avait beaucoup frappés. (voir document n.º 6).

d) **écrire une histoire dont le sujet est inspiré par la lecture faite en classe.** Après la lecture de "Le portrait dérobé et la lettre perdue", in "La Princesse de Clèves", éd. Nouveaux Classiques Larousse, je leur ai proposé le sujet suivant: "En vous promenant dans un jardin vous trouvez une lettre par terre. C'est une lettre d'amour. Vous la lisez et vous êtes bien surpris(e) car vous reconnaissez l'écriture et la signature. Il y a quand même des bouts de phrases que vous n'arrivez pas à déchiffrer." (voir document n.º 7).

e) **écrire une histoire ayant le même titre que celle qu'ils ont lue en classe (ou un titre analogue).** Après avoir lu "Le Protecteur", de Maupassant, in "Boule de Suif", éd. Poche, ils ont écrit un conte intitulé "La Lettre de Recommandation".

"Le Passe-Muraille", de Marcel Aymé (in "Le Passe-Muraille", éd. Poche) leur a fait écrire une petite histoire dont le titre était "Un don singulier" (voir document n.º 8).

f) **écrire sa version personnelle d'une histoire.** Après avoir lu "Le Petit Chaperon Bleu Marine", de Philippe Dumas et Boris Moissard, in "Contes à l'envers", éd. Ecole des Loisirs, et "Le

Petit Chaperon Vert", de Cami, in "Petite Fabrique de Littérature", de Duchesne et Leguay, éd. Magnard, les élèves ont écrit leur version du Petit Chaperon Rouge.

g) **écrire une histoire à la manière de...** Ils ont lu "Jeune Lion en Cage", in "Contes pour enfants pas sages", de Jacques Prévert, éd. Folio Junior, et ils ont écrit une histoire à la manière de Prévert (le héros était un éléphant).

h) **changer la fin d'un récit.** C'est ce qu'ils ont fait avec la fin de la nouvelle d'Agatha Christie, "Philomel Cottage".

i) **créer les personnages d'un conte policier.** Après avoir lu "Accident", d'Agatha Christie, in "Le Mystère de Listerdale", éd. Poche, ils ont esquissé les personnages d'un conte qu'ils auraient pu écrire.

j) **résumer une nouvelle, un conte ou un chapitre d'un roman.** Cet exercice est demandé aux élèves de façon systématique. Tout ce qu'ils lisent en classe doit être résumé oralement et par écrit.

J'espère que ces suggestions pourront être utiles à mes collègues et qu'ils y verront à la fois un moyen de faire aimer la lecture et les bons écrivains, et un moyen de développer l'expression linguistique et la créativité. Le conte, la nouvelle et le roman plongent l'élève dans un univers de création. Imprégné de cet univers, il éprouve lui-même le besoin de s'exprimer, d'inventer. Et voilà qu'il ne se sent plus seul. Il a moins peur, la page blanche ne l'effraie guère. Les écrivains qu'il a lus sont là pour le rassurer et l'encourager.

DOCUMENT N.º 1

La pauvre femme ne savait plus quoi faire. Elle était désespérée. Son ange adoré ne la regardait plus, il ne la caressait plus, il avait profondément changé. Elle avait peur de lui.

Un jour il est parti, il s'en est allé sans dire un mot, sans laisser une lettre, sans rien faire. Elle a beaucoup pleuré, elle est devenue presque folle, l'angoisse occupait tous les jours de sa vie.

Mais le temps est passé.

Deux ans après le départ de son orphelin, un beau monsieur est arrivé à la ville où elle habitait. Ce monsieur était gentil, fort, beau et riche, très riche. Quand elle a connu ce monsieur, tous ses préjugés amoureux ont fini. Elle est tombée amoureuse et le monsieur l'aimait beaucoup. Au bout de trois mois ils se sont mariés.

Ils étaient très heureux, ils s'aimaient beaucoup. La vie était très belle pour eux. Mais quand ils s'asseyaient en face de la cheminée, elle se souvenait, avec une profonde angoisse, de son petit orphelin qui était parti sans dire adieu.

Fábio Scherer de Moura
Langue Française IV

DOCUMENT N.º 2

Or, un soir, quand ils étaient près de la cheminée, il a commencé à lui parler. La femme a manifesté sa surprise quand elle a remarqué qu'il avait commencé à bavarder avec elle.

Puisqu'il y avait déjà des années qu'ils ne se parlaient plus, elle avait l'impression de parler à un inconnu. Il parlait de choses dont elle n'aurait jamais imaginé que son enfant parlerait. Il avait appris à connaître la vie en lisant ses livres. Mais elle remarquait qu'il y avait quelque chose dans son regard. Elle pouvait bien deviner ce qu'il sentait mais elle ne voulait pas y croire. Il n'avait plus le regard d'un petit enfant, mais le regard d'un homme qui voulait quelque chose. Comme elle était passée près de lui pour mettre du bois dans la cheminée, il lui a touché la main. Elle a eu peur. Alors, puisqu'il touchait toujours sa main, elle a essayé de retourner à son fauteuil. Comme elle retournait, il lui a dit qu'il l'aimait, qu'il y avait quelques mois qu'il s'en était aperçu. Elle a répondu qu'elle l'imaginait déjà mais qu'il ne pouvait pas épouser sa mère. Il lui a répondu qu'elle n'était pas sa mère et qu'il l'aimait parce qu'il avait appris à l'aimer sans se préoccuper de sa figure brûlée. Elle ne lui a rien répondu. Elle savait qu'il ne mentait pas, elle le sentait.

Ses deux cousines n'ont jamais accepté leur mariage, comme elles n'avaient pas accepté l'adoption de l'enfant. Mais elles sont allées à l'église quand même: il y avait un gros héritage à être partagé. Et elles n'avaient rien à perdre.

Jorge Ricardo Sanches Abrahão

Langue Française IV

DOCUMENT N.º 3

Cette situation a duré encore presque un an. C'était toujours la même chose. Le soir ils s'asseyaient près de la chemi-

née. D'abord le garçon commençait à lire, il s'arrêtait au bout de quelques instants et fixait Mlle. Source. Elle baissait les yeux mais elle n'arrivait pas à le faire changer d'attitude.

Comme elle ne pouvait plus supporter cette situation, elle lui en a parlé un jour. Elle lui a demandé pourquoi il la regardait, s'il avait des problèmes. Il n'a rien dit, il a tout simplement baissé la tête.

Le lendemain le garçon est parti et pendant des années on n'a rien su à son sujet. Dix ans plus tard les deux cousines de Mlle. Source sont mortes, l'une après l'autre, dans des circonstances mystérieuses. Mlle. Source était sûre que c'était le garçon qui les avait assassinées et qu'il viendrait la tuer pour avoir l'héritage. Elle a eu peur.

Quelques jours après la mort des cousines de Mlle. Source, quelqu'un frappe à sa porte. Elle ouvre. C'est le garçon, maintenant grandi. Elle le reconnaît. Ils se sourient, elle lui dit d'entrer, ils échangent quelques mots. Mlle. Source l'invite à dîner. Il accepte. Quand elle se tourne pour chercher les plats, il lui donne plusieurs coups de couteau. Puis il se jette dans la cheminée où il se brûle la figure. Il est puni pour son crime.

Alder de Azambuja Castagno

Langue Française IV

DOCUMENT N.º 4

Mais dès qu'elle avait tourné le dos, elle sentait de nouveau son oeil sur elle. Elle pensait qu'il voulait la tuer pour

avoir son argent, parce que ses yeux brillaient comme des pierres très dures. Il lui semblait que les yeux, eux, pourraient l'assassiner.

La nuit elle ne dormait plus. Elle passait des nuits blanches en écoutant les bruits de la maison. Elle écoutait des pas vers sa chambre.

A table, quand les deux étaient en train de manger, il la regardait avec haine, et elle ne mangeait pas.

Maintenant elle restait toute la journée dans sa chambre et n'en sortait que pendant la nuit, quand il était en train de dormir. Alors elle allait à la cuisine et mangeait beaucoup pour ne pas avoir faim pendant la journée.

Quand elle se promenait dans le jardin, elle pensait qu'il pourrait la tuer en lui poignardant le dos.

Une nuit, quand elle était en train de manger dans la cuisine, il est entré et lui a dit :

— Prends garde. Je vais te tuer.

Elle a couru vers sa chambre. Il est resté pendant toute la journée et toute la nuit près de la porte de la chambre de Mlle. Source. Elle y est restée dix jours,

Au bout de ces dix jours, il a ouvert la porte et l'a trouvée morte, couchée dans son lit.

Aulus Mandagará Martins

Langue Française IV

DOCUMENT N.º 5

Philomed Cottage

Alix — Au revoir, chéri.

Gerald — Au revoir, mon chou.

Alix — Ah! Qu'est-ce que je suis heureuse! Si je n'avais pas reçu cet héritage de mon feu cousin, je ne pourrais pas vivre ici avec mon mari Gerald. Je serais encore une pauvre sténo-dactylo sans un sou. Il est dommage que je n'aie pas épousé mon ami Dick Windyford, mais il ne se décidait jamais... J'espère qu'il ne viendra jamais ici, car je rêve souvent qu'il a tué mon cher Gerald.

(Le téléphone sonne)

Alix — Allô! C'est de la part de qui?

Dick — Ici Dick. Ça va bien, Alix?

Alix — Oui. Qu'est-ce que tu fais ici? Je pensais que tu étais à Londres.

Dick — Je suis en vacances. Je pêche un peu. Je voudrais savoir si je ne pourrais pas vous rendre visite, après le dîner.

Alix — Ah! Je m'excuse... mais tu ne peux pas venir... Nous avons déjà été invités à dîner chez des voisins. Viens demain.

Dick — Oh non, je ne sais pas si je serai encore là. Bon, Alix, tous mes voeux de bonheur.

Alix (après avoir raccroché) Il ne faut pas que Dick vienne ici. Je vais me promener un peu dans le jardin. Je veux me promener au grand air.

(En sortant elle rencontre un employé)

Alix — George! Qu'est-ce que vous faites ici? Vous venez en général lundi ou vendredi et nous sommes le mercredi.

George — C'est qu'il y a une fête au château vendredi. Je suis

donc venu aujourd'hui. J'espère que vous n'y verrez pas d'inconvénient.

Alix — Non, ça ne fait rien. J'espère que vous vous amuserez beaucoup à cette fête.

George — Merci. Il est très bon de savoir que c'est quelqu'un d'autre qui paie ce qu'on mange. Je suis content de vous voir avant votre départ. Quand reviendrez-vous, Madame?

Alix — D'où ça?

George — De Londres. M. Gerald m'a dit que vous partiriez pour Londres.

Alix — Non, vous vous trompez. Nous n'allons pas à Londres. Je déteste Londres. Je ne crois pas qu'il vous ait dit ça.

George — Il me l'a dit, j'en suis sûr. Il était très content car il aime cette ville. Et il a dit aussi qu'il ne savait pas encore quand vous en reviendriez. J'ai dû mal comprendre. Je n'aime pas Londres non plus. Il y a trop d'autos. Les gens sont tranquilles jusqu'au jour où ils s'achètent une voiture. Je peux prendre comme exemple M. Ames, qui avait la maison avant vous. Il vous a vendu cette maison pour dépenser l'argent dans sa voiture. Je me souviens qu'il me parlait souvent des deux mille livres qu'il recevrait.

Alix — Il a même reçu trois mille livres.

George — Non, c'étaient deux mille livres; il m'en parlait tout le temps.

Alix — Vous avez dû mal comprendre. Gerald me parlait tout le temps de trois mille livres.

George — Bon. je m'en vais, Madame. Je dois rentrer avant le concher du soleil. Mais je suis sûr que c'étaient deux mille livres. Au revoir.

(Elle va vers la maison)

Alix — Qu' est ce que c'est que ça? Ah! C'est l'agenda de Gerald. Le pauvre idiot a dû le perdre. Voyons... Voilà un seul prénom féminin... le mien! (Elle commence à lire à haute voix Mercredi 18 juin. Vingt et une heures. C'est aujourd'hui! Qu' aurait-il à faire à cette heure-là? Je vais le lui demander. (Le soir Gerald arrive)

Gerald — Comment as-tu passé la journée?

Alix — Très bien. Voilà ce que j'ai trouvé entre deux plates-blandes. Maintenant je connais tous tes secrets. Qu'est-ce que tu as projeté pour 9 heures?

Gerald — Je vais développer des photos et je veux que tu m'aides à le faire.

Alix — Volontiers. Aujourd'hui j'ai rencontré notre jardinier George. Il m'a appris que tu lui avais raconté que nous partions pour Londres.

Gerald — Le vieil idiot! Il a tout transformé! Je lui ai dit qu'il fallait que je sois au bureau à l'heure demain. Il a dû mal comprendre. Tu l'as détrompé, je l'espère?

Alix — Bien sûr. Mais il s'est mis dans la tête aussi que notre maison ne nous a coûté que deux mille livres. J'ai préféré ne pas le contredire...

Gerald — Je crois qu'il s'est trompé parce que le propriétaire de la maison voulait deux mille livres et le reste sous forme d'hypothèque.

Alix — Peut-être. Je suis très angoissée aujourd'hui. Tout a marché de travers. J'aimerais savoir un peu plus sur toi. Je ne sais presque rien à propos de ton passé.

George — Je t'ai déjà raconté toute mon histoire. Que veux-tu donc savoir de plus?

Alix — Est-ce que tu as eu d'autres femmes?

Gerald — Ah! C'est ça qui t'inquiète. Bien sûr, j'en ai eu d'autres, mais tu es la seule qui m'a intéressé et il vaudrait mieux ne plus y penser. Je n'ai plus personne. N'en parlons plus.

Alix — Si tu le veux...

Gerald — J'ai changé d'avis: je ne vais développer mes photos que demain. (Le lendemain).

Alix — Je ne peux pas me convaincre qu'il n'ait pas d'autre femme. Je vais monter dans sa chambre.

(Elle monte dans la chambre, fouille partout et ouvre un tiroir)

Alix — Qu'est-ce que je vois ici? Ce sont de vieux journaux. Cette photo... je me souviens de cet homme. C'est l'assassin qui tuait ses épouses. Je me souviens que cette affaire a suscité beaucoup d'intérêt. Mais... Qu'est-ce qu'il ressemble à Gerald! Mon Dieu! C'est Gerald! C'est lui l'assassin! L'article dit qu'il notait sur son agenda l'horaire où il tuerait ses victimes. Je comprends maintenant pourquoi il avait noté l'horaire où il développerait ses photos. C'est là qu'il me tuerait. Je vois pourquoi il s'est mis en colère contre le vieux George. Le vieil homme a contrecarré ses plans. Il serait trop risqué de me tuer le même soir.

(Elle écoute un bruit de pas)

Alix — Mon Dieu, c'est Gerald qui arrive.

Gerald — Bonjour, ma belle. Me voilà arrivé. C'est aujourd'hui que tu vas m'aider à faire des photos.

Alix — Gerald, je vais me promener un peu. Je ne me sens pas bien. Attends-moi ici, je reviens tout de suite.

Gerald — Si tu sors, ma chérie, je t'accompagne. Allons-y.

Alix — Non, s'il te plaît. Je veux être seule.

Gerald — Tu n'aimes plus ma compagnie?

Alix — Non, ce n'est pas ça. Reste ici alors, je vais te faire du café. (Il s'assoit et l'attend. Puis elle arrive avec une tasse de café)

Alix — Voilà, mon cher. Pendant que tu le bois, je vais me coucher. Je ne me sens pas bien ce soir.

Gerald — Il faut que tu m'aides à développer mes photos. Je ne veux plus ajourner ce travail.

Alix — Oui... Mais... Il faut que je téléphone... au boucher! C'est ça... Il faut que je lui demande de la viande... Je vais l'appeler.

(Elle téléphone à Dick mais Gerald l'accompagne)

Alix — Allô! Ici Alix... Il faut que vous veniez immédiatement (elle enfonce un bouton), car je veux deux kilos de viande (elle relève le doigt). C'est une question de vie ou de mort (elle presse le bouton). Apportez-la-moi tout de suite (elle relève le doigt). Venez aussi vite que possible.

Gerald — Maintenant il faut que tu viennes avec moi. Ne perdons plus de temps. Si tu ne viens pas, je te porterai.

Alix — Non... je ne veux pas! Gerald, attends. Je veux te raconter un secret.

Gerald — Un secret? Quel secret?

Alix — C'est que... J'ai commis un crime. J'ai tué mes deux derniers maris.

Gerald — Oh! Mon Dieu! Et tu les as tués comment?

Alix — Je les ai empoisonnés. J'ai mis du poison dans leur café. Je les ai tués parce que je voulais leur argent. C'est comme ça que je suis devenue riche. Je t'ai menti quand je t'ai dit que j'avais reçu un héritage.

Gerald — Tu es un monstre. Je comprends maintenant pourquoi ton café était si amer; tu y as mis du poison.

Alix — Oui, je t'ai empoisonné. Tu ne peux pas bouger. Ton coeur va s'arrêter tout à l'heure. Tu ne peux pas te lever.

(Elle entend Dick qui arrive)

Alix — Oh! Dick. Tu es là! Enfin tu es arrivé!

Dick — Qu' est-ce qui se passe?

(Elle s'évanouit)

Dick (à son ami) — Va voir ce qui se passe.

(Son ami va et puis revient)

L'ami de Dick — Il y a un cadavre dans le living.

Dick — Alix, c'est Gerald qui est mort?

Alix — Oui, Dick, c'est lui, il est mort... (Elle pleure)

Jorge Ricardo Sanches Abrahão

Langue Française III

DOCUMENT N.º 6

Sa femme avait disparu depuis la veille et lui, il ne savait pas ce qui s'était passé. Elle avait beaucoup changé dernièrement, il sentait qu'elle allait le laisser mais il ne s'attendait pas à une disparition comme celle-là.

Ils avaient habité à Chartres pendant des années. Maintenant il voulait y retourner pour revoir les endroits où ils avaient été heureux. Il dut attendre la nuit pour voyager car il avait eu l'espoir de recevoir quelque nouvelle pendant la journée.

Rien ne se passa. Il était très inquiet. Il décida alors d'aller à sa rencontre mais pendant le parcours il sentit que

quelque chose de bizarre lui arrivait. Soudain il s'évanouit et dans le noir il vit sa femme. Elle allait au cimetière porter des fleurs.

Isabella Ferreira Mozzillo

Langue Française V

DOCUMENT N.º 7

Je me promenais dans mon jardin quand j'ai vu une lettre par terre. Il s'agissait d'une lettre d'amour, bien qu'il y eût des parties indéchiffrables que la pluie avait ruinées.

J'ai été fortement surprise car j'ai reconnu l'écriture de mon mari et aussi sa signature. Il signait "Ton petit chat" — il avait l'habitude de m'écrire ces mots-là avant notre mariage.

La lettre était très bizarre et elle s'adressait à Angèle qui était ma meilleure amie. Elle était venue la veille dîner avec nous. Je crois qu'elle a perdu sa lettre au moment où elle s'en est allée.

Voici quelques parties de la lettre:

"...ère Angèle,

...marre de ma fem... Elle est insupport... Je ne peux plus...

Je veux que tu... chez nous... pour qu'on puisse... tuer.

Vois-tu, ... et les choses seront bien faciles. Tu ne devras pas avoir de soucis... Moi, je suis prêt... Mon amou... viens, viens! Ne me lais... seul. J'ai besoin de t... t'assur... que nous... heureux. Je t'attends... et n'oublie pas le poison.

A tout à l'heu...

Ton petit chat.

Après avoir lu cette lettre-là, j'ai la tête qui tourne. Il y a quelque chose qui ne marche pas... Peut-être le dîner . . . Oui, la viande n'était pas bonne... Je vais appeler le doct...

Isabella Ferreira Mozzillo
Langue Française V

DOCUMENT N.º 8

Mme. Lalangue était une femme très bizarre. Elle possédait l'étrange pouvoir de voir sans ouvrir les yeux. Chaque fois qu'elle voulait, elle pouvait regarder toutes les choses les yeux fermés. Elle possédait aussi une autre particularité: celle de tout voir à travers ses photographies. Ainsi, chaque fois que son mari la trompait, elle le savait car son portrait était sur le bureau de M. Lalangue.

Elle aimait faire semblant d'être endormie pour pouvoir voir ce que son mari faisait ou pour pouvoir écouter les conversations téléphoniques qu'il avait avec ses maîtresses.

Une nuit, après avoir vu son mari qui arrivait très tard et qui cherchait un couteau pour l'assassiner, elle a eu une idée: elle a commencé à crier, comme si elle rêvait de lui, en disant:

— Arrête-toi, Michel, je sens que tu veux me tuer mais j'ai déjà appelé la police. Elle va arriver dans quelques secondes!

Quand son mari a écouté cela, il a eu peur et les yeux fermés Mme. Lalangue a vu comment il s'en est allé pour ne jamais retourner.

Isabella Ferreira Mozzillo
Langue Française III

INTRODUÇÃO

A relação entre o fenômeno linguagem e o fator social vem sendo questionada há muito. O fato de Saussure já ter definido a linguagem como "fato social" demonstra o reconhecimento da realidade de que a língua é inerentemente vinculada à vida em comunidade. Daí Labov (1972) concluir que

Carmen Lúcia Matzenauer Hernandorena

1986

Com as relações sociais em constante movimento, de constantes mutações de propriedades particulares a cada grupo, a cada pessoa, a cada situação, a variação linguística tem de ser característica essencial da linguagem. Diante dessa realidade, este trabalho se propõe apresentar considerações sobre o emprego de variantes da forma dos verbos correspondente à primeira pessoa do plural. Em virtude de a conjugação verbal vir marcada por desinências número-pessoal representativa do sintagma nominal que exerce a função de sujeito, verificar-se-á também, neste trabalho, a presença ou ausência do pronome pessoal "nós" nas formas de 1ª pessoa do plural, ou sua substituição por outras expressões.

As direções de pesquisa, metodologia e o desenvolvimento sobre a tematização de variantes de primeira pessoa do plural serão discutidos no capítulo seguinte.

INTRODUÇÃO

A relação entre o fenômeno linguagem e o fator social vem sendo questionada há muito. O fato de Saussure já ter definido a linguagem como “fato social” demonstra o reconhecimento da realidade de que a língua é inerentemente vinculada à vida em comunidade. Daí Labov (1972) concluir que toda a lingüística é necessariamente sociolingüística.

Como as relações sociais são um complexo vivo, de constantes mutações de propriedades particulares a cada grupo, a cada pessoa, a cada situação, a variação lingüística tem de ser característica essencial da língua falada. Diante dessa realidade, este trabalho se propõe apresentar considerações sobre o emprego de variantes da forma dos verbos correspondente à primeira pessoa do plural. Em virtude de a conjugação verbal vir marcada por desinência número-pessoal representativa do sintagma nominal que exerce a função de sujeito, verificar-se-á também, neste trabalho, a presença ou ausência do pronome pessoal “nós” nas formas da 1.^a pessoa do plural ou sua substituição por outras expressões.

Ao final, serão apresentadas algumas considerações sobre a repercussão da ocorrência de variantes lingüísticas no ensino da Língua Portuguesa.

1. VARIANTES LINGÜÍSTICAS: A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

A teoria da variação lingüística, iniciada por William Labov, estuda a língua na sua realidade mesma, como heterogênea e diversificada, com caráter eminentemente social. Procura sistematizar a variação existente na língua falada, variação essa que é inerente à sua natureza.

O emprego de formas lingüísticas em variação é, pois, natural à língua falada. É a esse emprego que se dá o nome de “variantes lingüísticas”, as quais, como define Tarallo (1985), “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. A variante lingüística seria, pois, defende Marcuschi (1975), “um modelo de seleções lingüísticas, caracterizado basicamente por ser uma escolha da qual se lança mão numa determinada situação”.

A partir do entendimento de variação lingüística, pode-se constatar facilmente que o emprego da 1.^a pessoa do plural, tanto no tocante à conjugação verbal como no que se refere ao uso do sujeito correspondente a essa pessoa gramatical, apresenta variantes na língua falada no Brasil.

Como as variantes lingüísticas se encontram sempre na relação de concorrência entre “padrão” e “não-padrão”, de “prestígio” e “estigmatizada”, busca-se, aqui, também a oposição “discurso cuidadoso” e “discurso casual”, cujo engaja-

mento com fatores sociais é indiscutível. Considera-se discurso cuidadoso o que é produzido em situações formais ou semi-formais de comunicação, em que o falante se preocupa com a estruturação do discurso. A língua é meio de comunicação controlado pelo emissor. As formas usadas no discurso cuidadoso se aproximam da variante lingüística considerada padrão (ou até com ela se identificam), a qual é mais conservadora e goza do prestígio sociolingüístico na comunidade. No discurso casual, o falante dá um mínimo de atenção à própria produção lingüística; a fala não é controlada. A língua passa a ser transparente: é puro meio espontâneo de comunicação. Nesse discurso aparecem variantes inovadoras, não-padrão, às vezes estigmatizadas pelos membros de nível sócio-econômico mais alto da comunidade. A situação social em que se manifesta esse tipo de discurso é informal.

Para descrever e analisar o emprego das formas correspondentes à 1.^a pessoa do plural, a presente pesquisa tomou, como corpus, gravações de diálogos de 10 informantes com formação universitária, estando 8 no exercício do magistério de 3.^o grau. Dentre esses informantes, 4 são do sexo masculino e 4 do sexo feminino, e também 50% têm idade entre 30 e 40 anos, e 50% estão com idade entre 50 e 60 anos. As gravações com esses sujeitos foram realizadas no local de trabalho. Ainda fez parte do **corpus** um diálogo entre 2 informantes do sexo feminino, com idade entre 20 e 25 anos, também com formação universitária, sendo as duas donas-de-casa, uma das quais está iniciando o trabalho na advocacia. Essa gravação foi realizada na casa de uma das informantes. Todos os sujeitos pertencem à classe média alta, considerando-se a situação sócio-econômica em que vivem. Portanto, foram consideradas, nesta pesquisa,

como variáveis dependentes, a classe sócio-econômica dos sujeitos, sua formação cultural, idade, sexo, área de atuação profissional e local das gravações.

Com esse universo de interesse, realizou-se a pesquisa a partir de duas hipóteses: (1) adultos com formação universitária empregam, no discurso cuidadoso, a forma de 1.^a pessoa do plural de acordo com a variante padrão; (2) esses mesmos adultos, em discurso casual, empregam outras variantes da forma correspondente à 1.^a pessoa do plural.

A área problema da presente pesquisa apresenta três questões básicas: (1) A variante considerada padrão para a forma da 1.^a pessoa do plural está presente, em adultos com formação universitária, tanto no discurso cuidadoso como no discurso casual? (2) Se a variante padrão não está sempre presente, quais as alterações que recebe? (3) Se há efetivamente alterações em relação à variante padrão, quais os fatores que as determinam?

Quanto à metodologia empregada neste trabalho, deve salientar-se que não se recorreu à entrevista — instrumento normalmente usado nas pesquisas de caráter sociolinguístico — para evitar o alto grau de artificialidade que pode ocorrer nesse meio de coleta de dados. Optou-se, assim, pela gravação de diálogos entre os informantes, sem a interferência do pesquisador. É certo que o simples fato de os informantes saberem que seu diálogo está sendo gravado, mesmo sendo seu interlocutor pessoa de convívio diário, faz com que haja certo cuidado especial no uso da expressão linguística. No entanto, entende-se que há uma tendência ao relaxamento, depois de um certo tempo, da tensão que torna mais formais os primeiros

minutos de gravação. Em virtude disso, tomou-se, neste trabalho, o período dos dez minutos iniciais do diálogo gravado como “discurso cuidadoso” e os dez minutos finais, como “discurso casual”.

As gravações foram tomadas, portanto, como um evento de fala, e foi possível a determinação dos diferentes discursos — cuidadoso e casual — porque os informantes dominam e empregam esses dois tipos diferentes em virtude de sua formação cultural e de seu nível sócio-econômico.

Foi solicitado aos sujeitos desta pesquisa que conversassem durante 30 minutos. Como os informantes foram tomados dois a dois, as duplas foram formadas seguindo o critério de mútuo convívio anterior: cada dupla de informante já se conhecia há muito tempo, mantendo um relacionamento pessoal e profissional. Em razão desse fato, foi possível solicitar que o diálogo versasse sobre experiências passadas. A solicitação tinha o objetivo de elicitar o emprego da 1.^a pessoa do plural e o aparecimento da forma proparoxítona que marca a 1.^a pessoa do plural no pretérito imperfeito do indicativo.

A partir da vivência lingüística que se tem como falante nativo do Português, esperava-se encontrar, no **corpus** da pesquisa, as variantes consideradas padrão para a forma da 1.^a pessoa do plural e o emprego de mais duas variantes, como mostra o seguinte exemplo:

nós brincávamos — brincávamos — nós brincava — a gente brincava.

Essas variantes passarão a ser referidas neste trabalho da seguinte forma:

- (a) nós + VcDNP
(sujeito "nós" + Verbo com Desinência Número Pessoal da 1.^a pessoa do plural);
- (b) Ø + VcDNP
(sujeito oculito + Verbo com Desinência Número Pessoal da 1.^a pessoa do plural);
- (c) nós + VsDNP
(sujeito "nós" + Verbo sem Desinência Número Pessoal da 1.^a pessoa do plural);
- (d) a gente + V
(sujeito "a gente" + Verbo com Desinência Número Pessoal da 3.^a pessoa do singular).

Com o emprego do presente e do pretérito perfeito do indicativo não ocorre a variante (c): a desinência número-pessoal da 1.^a pessoa do plural, desses tempos — mos — não costuma ser eliminada:

* Ontem nós brinca.

O que ocorre, nesse caso, é a eliminação somente do fonema /s/, no discurso casual:

Ontem nós brincamo.

Esse fato pode explicar-se, à primeira vista — embora não se tenham realizado estudos mais detalhados na presente pesquisa —, pela tendência já observada na língua falada no Brasil de eliminação da consoante alveolar final, tornando a sílaba aberta. No entanto, o fenômeno merece estudos mais detalhados para a confirmação dos contextos fonológicos em que essa eliminação ocorre.

2. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO EMPREGO DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

Os dados computados no **corpus** desta pesquisa efetivamente confirmam a ocorrência das quatro variantes do emprego da 1.^a pessoa do plural referidas, na 1.^a parte do presente trabalho, como variantes (a), (b), (c) e (d).

As tabelas apresentadas a seguir resumem os dados relativos aos informantes e à frequência das variantes por eles empregadas na expressão das formas correspondentes à 1.^a pessoa do plural.

O problema que desde logo se verificou nas gravações foi o fato de que os informantes, que desconheciam o objetivo da verificação da ocorrência da 1.^a pessoa do plural, se desviaram do tema solicitado, passando a narrar mais experiências individuais do que vivenciadas em conjunto com seu interlocutor, o que diminuiu grandemente a frequência do emprego da forma lingüística a ser pesquisada, principalmente o uso da 1.^a pessoa do plural no pretérito imperfeito do indicativo. Considera-se, pois, recomendável a presença do pesquisador durante as gravações, porque, embora possa causar alguma inibição dos informantes, não permitirá o distanciamento do objetivo almejado. Também ocorreu o fato de um informante falar muito mais tempo do que seu companheiro de gravação.

Infor- mante	Forma- ção	Profissão	Sexo	Faixa Etária	Variantes da 1.ª pessoa do plural				tipo de discurso
					(a) nós+VcDNP	(b) φ+VcDNP	(c) nós+VaDNP	(d) agente+V	
1	Univ.	Professor	M	50/60	1	—	—	6	cuidadoso
2	Univ.	Professor	M	50/60	—	1	—	7	casual
1					1	—	—	—	
2					5	9	—	—	
3	Univ.	Professora	F	50/60	6	1	—	—	cuidadoso
4	Univ.	Professora	F	50/60	1	—	—	—	
3					3	—	—	1	casual
4					2	—	—	—	
5	Univ.	Professor	M	30/40	3	2	—	10	cuidadoso
6	Univ.	Professor	M	30/40	—	—	—	2	
5					12	2	—	4	casual
6					2	—	—	2	
7	Univ.	Professora	F	30/40	—	2	—	—	cuidadoso
8	Univ.	Professora	F	30/40	1	—	—	—	
7					—	3	—	1	casual
8					—	1	—	—	
9	Univ.	Dona de casa	F	20/25	3	2	12	7	cuidadoso
10	Univ.	Dona de casa	F	20/25	—	—	3	—	
9					—	—	—	11	casual
10					—	—	—	2	
TOTAL					40	23	15	53	

5.ª DUPLA 4.ª DUPLA 3.ª DUPLA 2.ª DUPLA 1.ª DUPLA

TABELA 2 — Frequência do emprego das variantes da 1.ª pessoa do plural relativamente à faixa etária dos informantes, sem diferenciação do tipo de discurso.

Informantes	Faixa Etária	Variantes da 1.ª pessoa do plural			
		(a) nós+VcDNP	(b) ϕ +VcDNP	(c) nós+VsDNP	(d) a gente+V
1, 2, 3, 4	50/60	19	11	—	14
5, 6, 7, 8	30/40	18	10	—	19
9, 10	20/25	3	2	15	20

TABLE 2 — Frequency of the use of the variants of the 1st person plural relatively to the age group of the informants, without differentiation of the type of discourse.

TABELA 3 — Frequência do emprego das variantes da 1.ª pessoa do plural relativamente ao sexo dos informantes, com discriminação profissional, sem diferenciação do tipo de discurso.

Informantes	Sexo	Profissão	Variantes da 1.ª pessoa do plural			
			(a) nós+VcDNP	(b) Ø+VcDNP	(c) nós+VsDNP	(d) a gente+V
1, 2, 5, 6	M	Professor	24	14	—	31
3, 4, 7, 8	F	Professora	13	7	—	2
9, 10	F	Dona de casa	3	2	15	20

Informantes	Sexo	Profissão	Variantes da 1.ª pessoa do plural			
			(a) nós+VcDNP	(b) Ø+VcDNP	(c) nós+VsDNP	(d) a gente+V
0, 10		30/32	3	5	12	—
2, 0, 1, 8		36/40	18	10	—	28
1, 3, 2, 4		20/20	10	11	—	21

Quantidade de usos de cada variante de acordo com o sexo dos informantes e a profissão.

Nas tabelas 2 e 3 desconsiderou-se a variável quanto ao tipo de discurso, em virtude do fato de ter sido verificada a permanência do mesmo tipo de discurso durante todo o período de gravação. Isso pôde ser constatado pelo conhecimento que se tem dos informantes — a pesquisadora conhece desde há muito todos os informantes —, pelo tom imprimido aos diálogos, pelo timbre de voz dos informantes e pelos assuntos discutidos durante os 30 minutos de gravação. Talvez pelo fato de as gravações dos diálogos dos 8 primeiros informantes terem sido realizadas em seu ambiente de trabalho, suas comunicações não passaram de semiformais, não alcançando o discurso casual. Ao contrário, as informantes 9 e 10, que tiveram seu diálogo gravado em casa, mostraram, desde o início, total naturalidade e espontaneidade, utilizando desde logo um discurso casual.

Embora seja usual em muitas pesquisas a tomada do período inicial da gravação como discurso cuidadoso e dos minutos finais como discurso casual, em virtude da constatação aqui alcançada, coloca-se em dúvida esse tipo de divisão. As pessoas que são formais têm tendência a mostrar um discurso cuidadoso durante todo um diálogo. É certo que, passados alguns minutos, há um relaxamento da tensão inicial, principalmente em se tratando de diálogo gravado, mas quem está habituado a controlar seu discurso, como, por exemplo, alguns professores, continuam a fazê-lo sempre. Talvez só uma situação puramente familiar os faça passar para um discurso casual.

Observando as tabelas, pode-se verificar que os 8 primeiros informantes não usaram a variante (c), considerada estigmatizada culturalmente pelos membros da comunidade. No entanto, essa variante alcançou alta freqüência nas informantes

mais jovens, cujo discurso se mostrou extremamente espontâneo — e sua formação também é universitária. Com relação as informantes 9 e 10, cabe também ressaltar o alto índice do emprego da variante (d). Esses índices ficam mais altos quando se observa que contrastam, nas tabelas 2 e 3, com os outros resultados, os quais são a soma de quatro informantes em cada linha. Saliente-se, também, que as informantes 9 e 10 foram as únicas a usar o pretérito imperfeito do indicativo com alta frequência.

Ainda se deve considerar, na tabela 3, a baixa frequência da variante (d) nas professoras do sexo feminino. A expressão “a gente” como referente à 1.^a pessoa do plural é tomada como fala pouco cuidada, e já foi comprovado, inclusive por Labov, que as mulheres têm maior preocupação do que os homens na estruturação de seu discurso.

Quanto aos outros itens, as tabelas 2 e 3 apresentam índices muito semelhantes com relação aos informantes que exercem a profissão de professor, os quais parecem buscar mais a variante lingüística considerada padrão. A variável faixa etária não pode ser considerada relevante entre os professores informantes e a variável sexo, que já foi referida acima com respeito à variante lingüística (d), pode também ser invocada como responsável pelo baixo índice da variante (b) entre as informantes do sexo feminino. Isso talvez ocorra porque as mulheres, além da preocupação com a “correção” lingüística, também se empenham em produzir um texto bem claro, com a presença marcante do sujeito expreso, ou até com a marca da sua presença como falantes.

Imprescindível é salientar que houve a presença das

quatro variantes da 1.^a pessoa do plural em informantes com formação universitária e com nível sócio-econômico alto. O emprego da variante (c), a qual pode ser considerada estigmatizada socialmente, pois quebra a regra de concordância, a qual ocupa lugar de relevância na língua padrão, pode ser devido à idade jovem dos informantes, bem como à sua profissão. Comparando com outras variantes lingüísticas, a idade parece ser fator de influência mais forte do que o exercício profissional, em se tratando de informantes com o mesmo grau de instrução.

Diante dos dados colhidos, torna-se inevitável reconhecer que a forma da 1.^a pessoa do plural pode representar efetivamente uma mudança lingüística em processo.

Com referência aos fatores internos à língua responsáveis pelas quatro variantes detectadas na referência à 1.^a pessoa do plural, podem ser apresentadas quatro abordagens explicativas: fonológica, morfológica, sintática e semântica.

A **fonologia** pode explicar a preferência pelas variantes (c) e (d) — observe-se na Tabela 2 a preferência por essas variantes por parte dos informantes 9 e 10 e, na Tabela 3, a preferência pela variante (d) por parte dos informantes do sexo masculino. Nessas variantes, o verbo se apresenta, quanto ao acento, como vocábulo paroxítono. Conforme explica Mattoso Câmara (1976), “a acentuação grave (paroxítona) é a mais frequente em português, e a língua pode ser considerada de ritmo grave preponderantemente. Os esdrúxulos (proparoxítonos) são um tanto marginais e mesmo na língua padrão há imanente a tendência a modificá-los”. Exemplos desse fato podem-se testemunhar no dia-a-dia. Essa libertação de palavras proparoxítonas observa-se, basicamente, por três formas:

(1) deslocamento do acento tônico. Ex.: crisantemo por cri-sântemo;

(2) supressão de segmento fônico compreendido entre a vogal acentuada e a vogal final. Exs.: oculos por óculos, xicara por xícara;

(3) supressão da sílaba final. Exs.: lampa por lâmpada, nós brincava por nós brincávamos.

Esse último é o caso que ocorre com as formas verbais aqui objeto de estudo na variante (c): é eliminada toda a última sílaba, tornando-se o vocábulo proparoxítono um vocábulo paroxítono. Na variante (d), cuja freqüência é muito significativa, a forma verbal já se apresenta originariamente (para concordar com o sujeito da 3.^a pessoa do singular sob a forma paroxítona, daí uma das razões pela preferência no seu emprego.

A tendência à formação de palavras paroxítonas é tão forte que, observando-se as modificações apresentadas nos exemplos do caso (2) acima referido, pode-se constatar que se despreza a estrutura silábica CV (consoante + vogal), que é a mais simples e universal, substituindo-a pela estrutura CCV (xí-ca-ra → CV + CV + CV; xi-cra → CV + CCV). A fuga ao acento proparoxítono é, sem qualquer dúvida, uma das variantes lingüísticas em processo no português.

A morfologia pode também explicar a preferência pelas variantes (c) e (d), pela sua maior simplicidade. Na variante (c) é eliminada a desinência número-pessoal marcadora da 1.^a pessoa do plural, porque sua presença é redundante diante do sujeito "nós" expresso claramente. A variante (d) é também morfologicamente mais simples, uma vez que a forma da 3.^a

pessoa do singular, que acompanha o sujeito "a gente", pode ser considerada uma forma verbal menos marcada, uma vez que a desinência "va", por exemplo, do pretérito imperfeito do indicativo, acumula as funções de desinência modo-temporal e número-pessoal.

O aspecto sintático envolvido na variável lingüística em foco neste trabalho é a concordância. Explicam as gramáticas que a concordância verbal é, como expressa Cunha (1978), a manifestação da solidariedade entre o verbo e o sujeito; a concordância se exterioriza na "variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito".

Essa concordância gramatical ocorre nas variantes (a), (b) e (d) — observe-se, na Tabela 3, que a concordância é uma das características da língua padrão e exatamente só essas três variantes foram empregadas pelos informantes que exercem o magistério. A diferença entre as duas primeiras variantes é que o sujeito "nós" expresso na forma (a) não se exterioriza na estrutura superficial da forma (b), o que acontece sem qualquer problema de clareza na produção lingüística, uma vez que a variante (a), como já foi observado, apresenta a 1.^a pessoa do plural de forma redundante: tanto no pronome pessoal "nós" como na desinência número-pessoal "mos".

A concordância verbal não é observada na variante (c). A supressão da desinência número-pessoal do verbo é a eliminação, como já foi dito, de uma redundância morfológica, que passa a ter repercussão sintática: passa a apresentar a estrutura frasal de superfície $F = \emptyset + V$, que é plenamente aceitável, é gramatical e de comunicação clara em português, em todas as formas nas quais o verbo apresenta desinência número-pessoal.

A solidariedade entre o sujeito e o verbo deixa de existir na variante (c), e a estrutura frasal, mesmo na superfície, torna-se obrigatoriamente $F = S + V$.

A aplicação da regra de concordância na variante (d) é natural, uma vez que o sujeito é exposto, anteposto ao verbo, e a forma verbal que corresponde a esse sujeito é a menos marcada morfologicamente.

Quanto às **implicações semânticas**, essas estão presentes em todas as variantes. A língua é instrumento, mas, não é simples objeto de uso — é a exteriorização de significado, e o significado é o complexo conjunto dos pensamentos, sentimentos e intenções do falante que se concretiza na sua expressão lingüística, no seu discurso. O discurso, como diz Orlandi (1983), é “um processo de apropriação”: diante das possibilidades que a língua lhe oferece, para a expressão desse complexo que é o “seu” significado, o falante faz emergir a sua subjetividade no discurso que exterioriza. Tomado sob esse ângulo, parece a semântica apresentar aspectos apenas individualizantes. Mas não é o que ocorre, pois o fato sociolingüístico também está aí presente, uma vez que, como explica Orlandi, o sujeito da linguagem não é um sujeito — em si mas alguém que existe socialmente — a apropriação da linguagem pelo discurso é um ato social, pois há condicionamentos sociais para essa apropriação.

O significado é, portanto, conseqüente de fatores individuais e sociais, e o aspecto semântico é inerente a toda expressão lingüística.

Sendo o discurso o significado do falante, toda concordância que se manifesta entre as palavras na estrutura superficial é ideológica: se o indivíduo sempre escolhe, consciente ou

inconscientemente, uma forma dentre diferentes variantes lingüísticas, ele o faz segundo o significado que quer expressar. Assim, se o falante segue a concordância estritamente gramatical ou se não a segue, fazendo outras variantes consideradas não-padrão, algumas até muito usadas com efeito literário como a sínese ou silepse, é porque atende aos fatores subjetivos e sociais que norteiam o seu discurso.

No tocante à concordância, já se observou que as variantes lingüísticas (a), (b) e (d) seguem a norma expressa pela forma considerada padrão para o português. No entanto, apresentam diferenças semânticas de extrema significação.

A variante (a), apesar de redundante quanto à marcação da 1.^a pessoa do plural, é muito empregada pelos falantes (observem-se as Tabelas 2 e 3), e isso pode explicar-se pelo valor enfático que apresenta — “o emprego do pronome chama mais vivamente a atenção para a respectiva pessoa”, diz Lapa (1977). O emprego do pronome “nós” faz, pois, sobressair o sujeito, e o fato é facilmente compreensível por tratar-se de sujeito de 1.^a pessoa: mesmo sendo sujeito plural, que engloba várias pessoas, inclui o falante; é, portanto, uma forma de salientar a presença do “eu” dentro do grupo, o que psicológica e sociologicamente pode ser de extrema importância para o enunciador alcançar o objetivo de sua comunicação.

É pertinente lembrar, como explica Lapa, que o emprego do pronome “nós” existe também como símbolo de modéstia, quando substitui o “eu” na expressão lingüística. Não ocorreu esse emprego no corpus da presente pesquisa, uma vez que a situação social em que a língua contempla a possibilidade de substituição do “eu” pelo “nós”, para evitar a saliência da im-

portância pessoal do falante, não poderia ocorrer nos diálogos dos informantes na forma e critério em que as gravações foram propostas. O que se apresentou como interessante e com frequência bastante alta foi a substituição da forma da 1.^a pessoa do plural pelo sujeito indeterminado com o pronome "se". Em períodos compostos cujas orações iniciais empregavam o "nós", as orações subseqüentes, querendo referir o mesmo sujeito, passavam a registrar sujeito indeterminado com o pronome "se", no intuito de não salientar uma realização em que o falante se via incluído. Nos 10 minutos iniciais da gravação da segunda dupla (Tabela 1), o informante 3 empregou 6 vezes a variante (a), com o pronome "nós" e 5 vezes o sujeito indeterminado, referindo-se sempre aos mesmos agentes, como exemplifica esta frase: "Nós estamos querendo reformular o currículo e o que se pretende é oferecer um curso com maior riqueza de opções para os alunos." É a presença simulada do "eu", é o falante quem pretende esse objetivo — é até a coordenadora do curso —, juntamente, é claro, com outros professores. O emprego desse tipo de uso do sujeito indeterminado vem sempre intercalado com a variante (a).

Observando-se a variante (b), deve-se salientar que, assim como a presença do pronome "nós" na variante anteriormente examinada não é puramente casual, a sua ausência também não deixa de ser significativa. Sabe-se que a estrutura frasal mais simples é a que contempla a união S + V. A supressão da pessoa do sujeito na estrutura superficial, mesmo quando já está marcado por uma desinência no verbo, além de poder ser indicativo de modéstia no caso de 1.^a pessoa, pode também ser a exteriorização de um discurso extremamente formal, com a presença salientada de morfemas gramaticais (no caso em foco,

de desinências verbais), podendo chegar até a conotações de pedantismo social.

No corpus desta pesquisa, os casos de emprego da variante (b) verificaram-se em períodos compostos, quando a oração anterior já havia registrado a presença expressa do "nós", ou quando o sujeito da 1.^a pessoa do plural era evidentemente dêitico, isto é, se referia aos interlocutores ali presentes. No primeiro caso, a clareza da comunicação se garantia pelas orações anteriores; no segundo caso, a situação de enunciação era a garantia do sentido claro da expressão lingüística. Por esses fatos, a eliminação do sujeito se tornava efetivamente eliminação de redundância, embora seja incontestável que a redundância é um traço característico de todas as línguas naturais, traço importante, que comprovadamente facilita o entendimento e a comunicação entre as pessoas. Além disso, é também sabido que a língua falada se caracteriza pelo uso das estruturas frasais mais simples ($F=S + V$). Portanto, a supressão do sujeito tem, indubitavelmente, significativa repercussão no plano semântico, pois é a quebra da expressão menos marcada.

A variante (c), com a eliminação da desinência número-pessoal, é semanticamente mais simples no sentido de que obriga ao emprego da estrutura frasal também mais simples ($F=S+V$); logo, a estrutura superficial apresenta todos os elementos da estrutura profunda da sentença.

Vale ainda salientar aqui que essa variante modifica a definição de verbo sob o aspecto morfológico, como a palavra que sofre flexões para indicar pessoa, número, tempo, modo e voz. A forma verbal da variante (c) deixa de indicar pessoa e número, embora, segundo registra Macambira (1978), a flexão

de pessoa e número seja sistemática, isto é, obrigatória pela natureza da língua. Ressalta ainda Macambira que o sufixo número-pessoal “mos” se apresenta em todas as formas verbais de 1.^a pessoa do plural, sendo o único que não se exterioriza com alomorfia. Apesar dessa alteração morfológica, é interessante observar que a eliminação da desinência número-pessoal em nada afeta a definição e característica fundamental do verbo no plano semântico: continua sendo a expressão de um processo, isto é, como explica Macambira (1974), “aquilo que se passa, naturalmente aquilo que se passa no tempo”. Logo, a perspectiva temporal, inerente à idéia de verbo como semantema, se mantém preservada na variante (c). Também permanece a flexão e a idéia de modo verbal, registrando a atitude do falante em relação ao fato que enuncia, ponto que, no plano semântico da comunicação, é fundamental.

Com referência a variante (d), há um aspecto semântico de extrema significação: substituir o sujeito “nós” pela expressão “a gente” — fenômeno lingüístico de presença marcante e indiscutível, como demonstram os dados desta e de outras pesquisas, como a de Lira (1982) — é a troca de um pronome pessoal, cujo sentido, embora plural, é claro e positivo, pelo emprego de uma expressão de sentido mais genérico, em que a pessoa que fala se associa a um grupo, mas não determinado como o grupo expresso pelo pronome “nós”. Logo, o uso de “a gente” tende à maior indeterminação, ao menor comprometimento do “eu” pela sua inserção em um grupo grande, sem limitação definida.

Pode-se até dizer que o emprego da expressão “a gente” é uma espécie de polifonia. Como diz Koch (1983), na polifonia

o falante junta a sua voz à de outras pessoas. É o que ocorre com o emprego da forma "a gente". E, como parte de um grupo, o falante se torna, ao mesmo tempo, mais forte e menos comprometido. Assim, com essa expressão o falante empresta a seu discurso significativa força argumentativa.

A forma "a gente" pode ser usada também como substitutiva do "eu" e apresentar uma experiência que é geral ou representar um plural de modéstia. Na realidade, essa ocorrência é muito natural e de freqüência crescente, podendo ser comparada à substituição do pronome "nós" pelo sujeito indeterminado, como já foi referido neste mesmo trabalho.

O alto índice do emprego da expressão "a gente" pode ser comprovado nas tabelas desta pesquisa. Esse resultado vem comprovar a sua difusão na expressão lingüística dos brasileiros. Lira (1982), pesquisando falantes do Rio de Janeiro, concluiu que a forma "a gente" é mais freqüente como uma referência à 1.^a pessoa do plural do que o pronome "nós". Nos dados de sua pesquisa, a expressão "a gente" foi usada, em lugar de "nós", numa percentagem de 56%.

Os resultados do trabalho de Lira mostram que, no Rio de Janeiro, a forma "a gente" é mais usada por falantes de classe sócio-econômica mais alta e por falantes jovens, sendo que a forma "nós" é preferida por falantes de nível sócio-econômico mais baixo e por falantes mais idosos. Como a presente pesquisa não trabalhou com informantes de nível sócio-econômico mais baixo, pode apenas comparar os resultados no tocante à faixa etária, e a Tabela 2 confirma os resultados encontrados por Lira. No entanto, pode-se constatar, na mesma tabela, que a disparidade não é muito grande: as pessoas de

idade mais avançada também empregam num índice elevado a forma "a gente". O que esta pesquisa pode ressaltar é a variável sexo, no que se refere ao uso dessa expressão: a Tabela 3 mostra que as informantes professoras do sexo feminino empregaram "a gente" num índice extremamente reduzido em comparação com os informantes professores do sexo masculino.

Ao analisar-se o emprego das variantes da primeira pessoa do plural, não pode deixar de ser referido o fato de que nenhuma das implicações aqui apresentadas são sequer mencionadas nas gramáticas sobre a Língua Portuguesa comumente usadas como apoio do ensino ministrado nas escolas.

Quanto ao uso da expressão "a gente", por exemplo, fato lingüístico tão difundido no Brasil, somente é citado por Bechara (1978) na parte dedicada à concordância nominal, como expressão capaz de propiciar o caso de silepse de gênero. Poder-se-ia esperar que comentários sobre o valor do signo lingüístico nos textos literários apresentassem a significação das variantes sociolingüísticas, mas Lessa (1976), num levantamento sobre o emprego da Língua Portuguesa por escritores modernistas, no capítulo dedicado à concordância verbal, dá exemplos de silepse de número com a expressão "a gente", sem, no entanto, alertar para suas implicações semânticas e sociolingüísticas.

CONCLUSÃO

O emprego da 1.^a pessoa do plural é uma constante no discurso diário: registra a presença do falante com a companhia de outros agentes. Por ser expressão lingüística usual,

apresenta variantes, determinadas por fatores lingüísticos e extralingüísticos.

Dentre essas variantes, a que se apresenta com presença marcante, comprovando o resultado de outras pesquisas, é a variante que substitui o pronome "nós" pela expressão "a gente", levando o verbo para a 3.^a pessoa do singular, carregando grandes implicações de caráter semântico e sociolingüístico, que merecem estudo detalhado.

A variante que apresenta o sujeito "nós" + "verbo sem desinência número-pessoal" apareceu nesta pesquisa com frequência muito reduzida, pela formalidade de que se revestiu a maior parte das gravações — fato que também invalidou a discriminação de tipos de discurso em cuidadoso e casual. Talvez uma pesquisa que contasse com informantes de camadas menos favorecidas socialmente pudesse apresentar essa variante como fenômeno comum na fala dos brasileiros.

As variantes consideradas (a) e (b) nesta pesquisa, as quais representam a língua padrão, parecem ser de uso comum por pessoas que exercem o magistério — profissão que, por tradição, exige o emprego de um discurso cuidadoso —, mas essas mesmas variantes foram minimamente usadas por informantes mais jovens e de outra profissão. Uma pesquisa com maior número de informantes poderá verificar se efetivamente se estará processando um afastamento da variante padrão com relação a esse aspecto lingüístico.

Torna-se imprescindível, agora, fazer algumas considerações sobre a repercussão das variantes sociolingüísticas no ensino de Língua Portuguesa. O ensino é feito com base nas gramáticas, que são eminentemente normativas e são o registro

da língua-padrão, sem qualquer referência à existência de variantes lingüísticas. Em virtude desse fato, defende Perini (1985) a importância de uma nova gramática do português. Dentre as falhas básicas da gramática tradicional, Perini cita o seu "enfoque centrado em uma variedade da língua, o dialeto padrão (escrito), com exclusão de todas as outras variantes". A gramática deverá, continua Perini, "descrever pelo menos as principais variantes (regionais, sociais e situacionais) do português brasileiro, abandonando a ficção, cara a alguns, de que o português do Brasil é uma entidade simples e homogênea".

Na verdade, o próprio professor de Língua Portuguesa pode e deve desenvolver essa consciência sociolingüística em seus alunos. A missão do professor é fazê-los ver a existência de variantes lingüísticas e possibilitar-lhes o desenvolvimento da noção de adequação. A tarefa do professor de língua vernácula, como defende Lemle (1978), não é a de fazer com que os alunos abandonem o uso de sua gramática "errada" substituindo-a pela gramática "certa", e sim a de auxiliá-los a adquirirem, como se fora uma segunda língua, competência no uso das formas lingüísticas da norma socialmente prestigiada, à guisa de um acréscimo aos usos lingüísticos regionais e coloquiais que já dominam, tornando-os capazes de diferentes usos de acordo com diferentes atos de interação verbal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 23. ed. São Paulo, Nacional, 1978.
- CÂMARA, J. Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.
- CUNHA, Celso. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7. ed. Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1978.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. A Argumentatividade no Discurso. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 16 (2): 7 - 120. jun. 1983.
- LABOV, William. *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. Coimbra, Coimbra Ed., 1977.
- LEMLE, Miriam. Heterogeneidade Dialetal: um Apelo à Pesquisa. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 53/54: 60-94, abr./set. 1978.
- LESSA, Luiz Carlos da Silva. *O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, Grifo, 1976.
- LIRA, Solange de Azambuja. *Nominal, Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese*. Philadelphia, University of Pennsylvania/University Microfilms Internacional, 1982. Ph. D. dissertation.
- MACAMBIRA, J. R. *A Estrutura Morfo-Sintática do Português*. São Paulo, Pioneira, 1974.
- Português Estrutural*, São Paulo, Pioneira, 1978.
- MARCUSCHI, Luiz. *Linguagem e Classes Sociais*. Porto Alegre, Movimento/Ed. UFRGS, 1975.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A Linguagem e seu Funcionamento: As Formas do Discurso*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- PERINI, Mário A. *Para uma Nova Gramática do Português*. São Paulo Ática, 1985.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 8. ed. São Paulo, Cultrix, 1977.
- TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo, Ática, 1985.

MUDANÇA TEMPORAL PARA PIOR

O tema da mudança em Lima de Castro é uma constante. Sempre do seu tempo, perceber e viver, o poeta viveu intensamente um período de transformações profundas que marcaram o mundo em geral e seu país em particular. Devido à tais experiências de resto mencionadas explicitamente em sua grande epopeia, Castro aborda a questão da mudança em um de seus temas favoritos, de modo especial quando se sabe a quanto chegou a oposição na própria carne — e de modo pouco agradável.

BABILÔNIA E SIÃO

Oposição temporal como causa da mudança

José Édil de Lima Alves

1982

1 — MUDANÇA TEMPORAL PARA PIOR

O tema da mudança em Luís de Camões é uma constante. Homem do seu tempo, perspicaz e ativo, o poeta viveu intensamente um período de transformações profundas que marcaram o mundo em geral e seu país em particular. Devido a tais experiências, de resto mencionadas explicitamente em sua grande epopéia, Camões teve sobradas razões para fazer da **mudança** um de seus temas favoritos, de modo especial quando se sabe o quanto a experimentou na própria carne — e de modo pouco agradável, pois ele diz:

... Mas ó cego
Eu, que cometo insano e temerário
...
Olhai que a tanto tempo que cantando
O vosso Tejo e os Vossos Lusitanos
A fortuna me traz peregrinando
Novos trabalhos vendo e novos danos
Agora o mar, agora exp'rimtando
Os perigos Mavorcios inhumanos,
Qual Canace que à morte se condena
Numa mão sempre a espada e noutra a pena.

(Camões, Os Lusíadas, XII - 78-9)

Na verdade, as transformações sofridas pela nação portuguesa naquela época em que Camões viveu, foram, via de regra, as mais amargas, cheias de desagradáveis surpresas e de

apreensões que culminaram, como se sabe, com a própria submissão da coroa, reclamada, em 1582, por Felipe II, da Espanha.

Para o Poeta, segundo seus biógrafos mais respeitáveis, ademais de alguns depoimentos de contemporâneos seus, a existência foi um nunca acabar de privações. Espírito superiormente dotado, porém, tudo suportou com galhardia, acreditando em sua missão elevada como vate, responsável pela eternização dos feitos dos heróis e das grandes paixões dos amantes felizes e infelizes.

Camões refletiu sobre a condição humana de modo profundo, soube penetrar o segredo das almas e dos corações, encontrando sempre a forma adequada para exprimir as emoções e os anseios universais do homem. E porque refletiu, pôde perceber até que ponto as mudanças são responsáveis por sofrimentos e angústias, e como somente o tempo é o remédio capaz e suficiente para **curar males**.

A verificação da mudança provocada pelo tempo, contudo tem, no criador d'Os Lusíadas, duas marcas tão acentuadas, quanto diferentes. De fato, se se tratar do tempo metafísico, do tempo primordial, a mudança vislumbrada encaminhará o homem para a plenitude. Será a transformação para o tempo perfeito. Contudo, se o tempo for da natureza terrena, então a mudança será marcada negativamente, pois um tempo cada vez pior sucederá àquele que fora o do mal. E de tal modo maléfica é a mudança, que em sua voracidade terrível não respeita, sequer a beleza:

Se as penas com que Amor tão mal me trata
Permitirem que tanto viva delas,
Que veja escuro o lume das estrelas
Em cuja vista o meu se acende e mata,

E se o tempo, que tudo desbarata,
Secar as frescas rosas sem colhê-las,
Mostrando a linda cor das tranças belas
Mudada de ouro fino em bela prata.

(Camões, 1962, p. 203)

E mesmo o gosto da vingança, que a mudança pode produzir é por demais acre e desagradável:

Vereis, Senhora, então também mudado
O pensamento e aspereza vossa,
Quando não sirva já sua mudança.

Suspirareis então pelo passado,
Em tempo quando executar-se possa
Em vosso arrepender minha vingança.

(Camões, 1962, p. 204)

Mas as transformações apresentam também o seu caráter paradoxal, pois se aparentam ter uma certa constância, até esta pode sucumbir à inexorável lei interna que ela mesma estabelece:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.

Muda-se o ser, muda-se a confiança.

Todo o mundo é composto de mudança

Tomando sempre novas qualidades.

...

E, afora este mudar-se cada dia

Outra mudança faz de mor espanto,

Que não se muda já como soía

(Camões, 1962, p. 199-200)

Em Babilônia e Sião o que vemos é exatamente a oposição entre o tempo em dois níveis e as conseqüências que daí podem advir para o homem, na expressão camoniana, aquele: ... bicho da terra tão pequeno. (Os Lusíadas, I, 106)

2 — A FORMA EXTERNA DO POEMA

BABILÔNIA E SIÃO é um longo poema de trezentos e setenta e cinco versos, distribuídos em setenta e três quintilhas, compostas em redondilha maior — versos de sete sílabas poéticas —, o que caracteriza como produção de **Medida Velha**.

Inspirado no Salmo 136, o poema ocupa-se dos nove versículos que compõem a celebrada composição do rei David.

Em relação ao esquema métrico, as quintilhas apresentam três formas de composição usadas de modo assimétrico ao longo do poema. A leve predominância é a distribuição rímica a-b-a-a-b com trinta e três estrofes; com vinte e sete temos a-b-b-a-b; e o esquema a-b-a-b-a aparece em treze quintilhas. Assim, pode-se notar que mesmo na forma rímica não há permanência, sendo a mudança sua característica maior.

3 — A FORMA INTERNA DO POEMA

Já foi registrado que BABILÔNIA E SIÃO tem como fonte o Salmo 136. Vê-se, assim, que é mais um dos tantos temas bíblicos que serviram a Camões. Esta composição lírica do poeta português, aqui como em outros casos, vai muito além da sua matriz, apesar de ater-se aos nove versículos que compõem o referido Salmo.

Falando sobre as "Tristezas e saudades dos exilados", o salmista recorda os tempos amargos do cativo. No texto bíblico, há o juramento patético, repleto de imprecações, de constante e duradoura fidelidade à lembrança de Jerusalém. Nos últimos dois versículos, fiel ao princípio do "dente por dente, olho por olho", patenteia-se o desejo da vingança e a exaltação daqueles que se tornaram o instrumento de tal vingança.

O poema, contudo, a partir de uma visão cristã e neo-platônica, fala sobre outra realidade, sem qualquer ligação possível com aquela focalizada pela salmista.

As primeiras nove estrofes versam sobre o primeiro versículo: "Junto dos rios de Babilônia, ali nos assentamos a chorar, lembrando-nos de Sião". Ao glosar o salmista, nota-se já a presença marcante do tempo passado versus tempo presente, no plano físico. Aquele como sinônimo de felicidade, este como de tristeza.

As quinze estrofes seguintes ocupam-se das palavras do segundo versículo: Nos salgueiros daquela terra penduramos nossas cítaras. Nessa passagem, o poeta aproveita para falar sobre as tristezas do homem cativo, contudo, refere-se magistralmente ao poder do canto, capaz de transformar a natureza, por mais feroz que ela seja:

Frauta minha que tangendo,
Os montes fazíeis vir
Pra onde estáveis correndo,
E as águas, que iam descendo,
Tornavam logo a subir,

Jamais vos não ouvirão
Os tigres, que se amansavam,
E as ovelhas que pastavam,
Das ervas se fartarão
Que por vos ouvir deixavam.
(Camões, 1962, p. 104)

Está contido em vinte versos o versículo seguinte: Pois ali os que nos tinham deportado nos pediam cânticos, e os nossos opressores (nos pediam) alegria: Cantai-nos algum dos cânticos de Sião.

Como se pode notar pela leitura dos versos,

Mas lembranças da afeição
Que ali cativo me tinha,
Me perguntaram então:
Que era da música minha
Que eu cantava em Sião?
(Camões, 1962, p. 107)

o poeta modifica o sentido do versículo, pois atribui às próprias lembranças o pedido para que desencadeie seu canto, não fazendo referência aos opressores. Assim, apesar do pequeno número de estrofes, é fácil perceber a qualidade lírica do vate, que se liberta da matriz para criar uma nova realidade.

O quarto versículo: Como cantaremos o cântico do Senhor em terra estranha (lhes respondemos), é desenvolvido em sete quintilhas. O poeta discute consigo e vê-se uma tensão estabelecida no íntimo do cantor, que se debate entre o desejo manifestado pela lembrança e a decisão da consciência em calar enquanto estiver sob o jugo, no cativeiro.

De passagem, em jogo brilhante de palavras, o poeta

justifica-se cantando e escrevendo, pela decisão firmada de não cantar ou, sequer, escrever:

Nem na fruta cantarei,
O que passo e passei já,
Nem menos o escreverei;
E eu não descansarei

(Camões, 1962. loc. cit.)

E arremata de modo definitivo, em meio à reflexão dorida:

Que, se vida tão pequena
Se acrescenta em terra estranha,
E se amor assim ordena,
Razão é que cansa a pena
De escrever pena tamanha.

(Camões, 1962. loc. cit.)

A seguir, em quatro estrofes, o poema aborda o versículo seguinte: **Se me esquecer de ti, Jerusalém, ao esquecimento seja entregue a minha direita!** O poeta dá continuidade àquele trabalho com a linguagem, utilizando-se da polissemia da palavra. E é o termo “pena”, já usado anteriormente, que proporciona o vôo do lírico, artista maior do verbo. Por duas vezes a palavra terá o sentido de “instrumento para escrever”, sendo “tristeza” o significado que atribui ao termo, na terceira vez que o utiliza.

Fique pegada a minha língua às minhas fauces, se eu não me lembrar de ti, se não puser Jerusalém acima de toda a minha alegria! Este versículo é glosado em dezessete estrofes pelo poeta. Justamente nesta passagem encontra-se a presença

ma's significativa e explícita do neo-platonismo em Babilônia e Sião.

Mas, ó tu, terra de glória,
Se eu nunca vi tua essência,
Como me lembras na ausência?
Não me lembras na memória,
Senão na reminiscência,
(Camões, 1962, p. 111)

E pode-se afirmar que, a partir desse ponto, nota-se a mudança no tratamento do tema e um afastamento entre o poema e a sua matriz bíblica.

Sião passa a ser tratada como a "terra da promessa", o lugar da felicidade plena, eterna. Jerusalém já não é mais a capital histórica dos judeus, mas a Pátria da Glória, a realização dos justos, a

... santa Cidade
De onde as almas descendem.
(Camões, 1962. loc. cit.)

O versículo sétimo é desenvolvido, coincidentemente, em sete qu'ntilhas. **Lembra-te, Senhor, para mal dos de Edom, do dia (de ruínas) de Jerusalém, os quais disseram: "Destruí nela até os fundamentos."** A leitura dos versos camonianos mostra como a transformação será profunda, no que respeita ao sentido. Os maus filhos de Edom, os que merecem o castigo violento, não são mais os homens, mas os pecados e as tentações que rondam, pondo a salvação das almas em sério risco. "Filhos de Edom" são as riquezas mundanas, a luxúria e os prazeres da carne. E, como tal, devem ser aniquilados.

Os dois últimos versículos, aqueles em que fica patenteado o apelo à vingança, ocupam as dez últimas estrofes, cabendo duas para o oitavo e as restantes para o nono: **Filha exterminadora (população) de Babilônia, ditoso aquele que te devolver os males que nos fizeste !**

Bem-aventurado o que apanhar às mãos e fizer em pedaços contra uma pedra os teus filhinhos!

Babilônia e Sião interpreta a passagem bíblica de um modo bastante diferente. A visão agora é comprometida com o discurso cristão. Assim, os "filhinhos de Babilônia" que o salmista quer esmagados, serão metaforicamente vistos como os males ocasionados pelo pecado original, que está entranhado no homem, e que somente podem ser destruídos naquela Pedra, Cabeça do Canto, ou seja, Cristo, como é referido no Novo Testamento.

4 — CONCLUSÃO

Renascentista, Camões utiliza-se também dos cânones da poética medieval portuguesa, bem como recorre aos temas bíblicos, tanto como aos de origem pagã greco-latinos.

Em Babilônia e Sião, trabalhando a partir de um Salmo, quer dizer de um texto do Velho Testamento, o vate não se submete ao salmista mas acrescenta os princípios da ideologia cristã, a partir da aceitação de pontos da filosofia neo-platônica.

Como se percebe, o tema da mudança é tratado justamente a partir dessa concepção cristã particularmente medieval — a terra como "o vale de lágrimas" e o Céu como única esperança

de uma vida melhor. Desse modo, o tempo presente e o futuro, enquanto na terra, são carregados do sinal negativo, pois a única esperança está naquele tempo passado — da reminiscência — somente possível quando chegar a vez do tempo futuro — metafórico.

As mudanças, se não trazem vantagens em relação à vida física, constituem-se, paradoxalmente, na única esperança de uma vida bem-aventurada, se os perigos e ciladas desta vida forem superados com a proteção segura de Cristo.

Assim o conflito maniqueísta, em Babilônia e Sião, como de resto em toda a lírica camonianiana, somente será resolvido em um plano metafísico, não estando mais do que a fortaleza de espírito, a conformidade e a resignação para aturar-se o “cativo de Babilônia”, leia-se, a vida física nesta terra.

CAMÕES, Luís de. *Obras completas*, 3. ed. Pref. Not. Hernani Cidade. Lisboa, 1962.

4 — CONCLUSÃO

Renascença, Camões utiliza-se também dos cânones da poesia medieval portuguesa, bem como recorre aos temas bíblicos, tanto como aos de origem grego-latina.

Em Babilônia e Sião, estabelecendo a partir de um Salmo, quer dizer de um texto bíblico, o sentido da vida não se submete ao estímulos da realidade, mas sim à realidade da vida, a partir da qual se estabelece a estrutura metafísica.

Camões utiliza-se também dos cânones da poesia medieval portuguesa, bem como recorre aos temas bíblicos, tanto como aos de origem grego-latina.

Se consultarmos a "História da Literatura do Rio Grande do Sul", de Guilhermino César, verificamos que num capítulo justamente dedicado à crítica literária, ele começa por falar no Positivismo em 18 de junho de 1888, justamente à sombra daquelas ideias, com aliás, a própria palavra "positivismo" na época à sombra do Continente se desativou e organizou. (1)

CRÍTICA LITERÁRIA NO RIO GRANDE: PROBLEMA A SER SOLUCIONADO AGORA

Antonio Hohlfeldt

Estamos, portanto, no início do século XIX, e antes efetivamente não se pode falar em crítica literária no Rio Grande do Sul, até porque eram escassíssimos os exemplares de Literatura Gaúcha Contemporânea, desenvolvido pela Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras — FAPA.

I

Se consultarmos a "História da Literatura do Rio Grande do Sul", de Guilhermino César, verificamos que num capítulo justamente dedicado à crítica literária, ele começa por falar no Positivismo e depois no Partenon Literário, criado em 18 de junho de 1868, justamente à sombra daquelas idéias, como aliás, a própria prática política sul-riograndense e brasileira da época à sombra do Comtismo se desenvolveu e organizou. (1)

Estamos, portanto, na segunda metade do século XIX, e antes efetivamente não se pode falar em crítica literária no Rio Grande do Sul, até porque eram escassíssimos os exemplares literários na província meridional brasileira. E não poderíamos, é claro, ter crítica sem termos as obras sobre as quais elas deitariam sua atenção. Assim, pois, sinteticamente, podemos dizer que a crítica literária produzida no Rio Grande do Sul nasce ligada e sob a influência do pensamento filosófico positivista, cuja ação resulta, dentre tantas conseqüências, na criação do Partenon Literário, primeira associação humanista e culturalista que teremos em nosso território, e que pretende ultrapassar, pela própria influência filosófica que traduz, o impressionismo romântico, embora este não tenha desaparecido de todo.

Guilhermino César, no resenhamento dos nomes que teriam primeiro se dedicado ao assunto, lembra Augusto Luiz, que, em outubro de 1874, escreveu e divulgou um texto deno-

minado "Duas palavras sobre literatura". Da síntese que o professor mineiro, há muito radicado entre nós, realiza do texto, verifica-se que ele menos falava em literatura e mais se preocupava com idéias, e especialmente a divulgação e apresentação das idéias positivistas.

Aliás, o positivismo encontraria terreno fecundo entre nós, em primeiro lugar, pela falta de uma tradição religiosa, especialmente católica, mais arraigada na população da província. E a situação não melhora, evidentemente, quando aqui chegam os primeiros colonos alemães com seu protestantismo. Por outro lado, a presença da Escola Militar de Porto Alegre, e a evidente simpatia dos gaúchos pelos ideais republicanos — sustentados em boa parte pelos positivistas — também abriram caminhos a esta filosofia. Seja como for, no dia 1.º de janeiro de 1884, portanto dez anos depois daquela data a que nos referíamos antes, abriam-se as portas de "A Federação", jornal onde não apenas Júlio de Castilhos como toda a prole positivista divulgaria e imporia as suas idéias e a sua prática política, delas advinda.

Fica evidente, ainda, na observação daquela época, que embora preocupados com a arte e o humanismo, os grandes próceres do século passado tinham mesmo preocupações maiores com a prática. Assim, o Partenon Literário, apesar do nome, não foi apenas uma associação literária que depois teria modelado as atuais Academias. Ao contrário, o Partenon foi um espaço extremamente dinâmico, embora elitista sob muitos aspectos onde todas as áreas de conhecimento tiveram iguais oportunidades, dentre as quais as letras.

Assim, pois, mal fundado o Partenon Literário, criou-se

uma comissão de crítica, ou seja, uma comissão destinada a ler, examinar, discutir textos produzidos pelos associados do Partenon. E o primeiro a produzir um texto crítico seria Apolinário Porto Alegre, sobre o romance "A Douda" de José Bernardino dos Santos, em 1870. Já ali se desenhava um elemento básico da função crítica: embora amigos, desligaram-se ambos das relações emotivas para pensarem cientificamente sobre o objeto cultural que tinham em mãos, isto é, um romance. A crítica de Apolinário primeiro examina o texto, depois comenta e enfim julga-o, e com severidade não isenta de respeito. O mesmo Apolinário Porto Alegre divulgaria, em 1873, extensa crítica sobre a obra de José de Alencar, defendendo o escritor cearense do ataque de alguns críticos portugueses, no que foi considerado o primeiro grande texto de crítica literária e que Regina Zilberman nos apresentou em sua versão completa, no volume por ela coordenado e editado pelo Instituto Cultural Português. (2) Para Guilhermino César, porém, o grande nome da crítica será João Damasceno Vieira Fernandes, poeta, e que, através da Deutsche Zeitung, editora de Karl von Koseritz, em Porto Alegre, publica, em 1883, o primeiro livro propriamente dito de textos de crítica literária, chamado "Esboços literários", reunindo tanto debates de idéias quanto de literatura, e se preocupando, pela primeira vez, com comentários de uma ação normativa para a criação literária, tendência que, em pouco tempo acabaria descambando no esteticismo parnasianista.

Também Karl von Koseritz, o conhecido "brumer" que tanto fez pelo sincretismo da cultura germânica e brasileira, dedicar-se-ia a esta tarefa.

Este primeiro período encerra-se com a presença de Alcides Maya, poeta a quem devemos igualmente belíssimos

textos de abordagem e debate literário. Ele é, assim, o nome final de um primeiro momento e o inicial de um segundo, com o que nós também trocamos nossa fonte, valendo-nos agora de João Pinto da Silva e sua "História literária do Rio Grande do Sul" (3). O autor de "Vultos do meu Caminho" destaca nos primórdios da crítica literária sul-riograndense a figura de Alcides Maya em primeiro plano, e depois lembra Rubens de Barcellos, Moysés Vellinho e Luís Vergara.

Aliás, Ligia Chiappini Leite, em seu "Modernismo no Rio Grande do Sul", dedica igual atenção a Alcides Maya e Moysés Vellinho, nomes para ela fundamentais e que abrem, nesta área, os caminhos do modernismo gaúcho (4).

Para João Pinto da Silva, a crítica de Alcides Maya, conquanto pertinente em quase todas as ocasiões, paga o tributo da época, isto é, tem uma forte tendência panfletarista e debatedora como o próprio jornalismo do período (onde ela se divulgava). Alcides Maya critica como que a querer sempre dizer a última palavra, salienta João Pinto da Silva, e principalmente no seu livro "Machado de Assis: algumas notas sobre o humor", o poeta e crítico teria passado de leve por alguns problemas graves, que por vezes enfraquecem seu trabalho, embora Guilhermino César ainda considere esta obra como "o ensaio mais agudo de sua geração".

A "Machado de Assis: algumas notas sobre o humor", editado em 1912, Alcides Maya dará seqüência com "Crônicas e Ensaios", em 1918, ao mesmo tempo em que se dedica ao conto e ao romance, terminando por gerar a conhecida e célebre polémica entre Rubens de Barcellos, que o defende, e Moysés Vellinho, que o ataca, e que cheguei a comentar em meu livro "Gaúcho: ficção e realidade" (5).

Da geração de Alcides Maya, poderíamos ainda lembrar um Múcio Teixeira, Carlos Ferreira ou Carlos Maximiliano, mas todos seriam lembranças menores, até porque sua principal atividade não é a crítica, que realizam esporádica e complementarmente às suas atividades culturais e políticas mais amplas.

Na mesma estatura de Alcides Maya, e mesmo ultrapassando-o, teremos, então, os já citados Rubens de Barcellos e Moysés Vellinho. Rubens de Barcellos teria um papel importantíssimo entre nós, não fosse sua morte prematura. Sua obra, embora escassa, é importante, e foi coletada posteriormente pelo próprio Moysés Vellinho e publicada em volume específico pela Globo (6). De Luís Vergara pouco se pode dizer de interessante para a literatura sul-riograndense, eis que ele mais se dedicou à literatura pampeana uruguaia, de cuja fronteira é oriundo.

Fixemo-nos, pois, em Moysés Vellinho. Recentemente falecido, dono de uma cultura e uma prática literária excepcionais, Vellinho, é, podemos dizer, o verdadeiro patriarca da crítica literária do Rio Grande do Sul, no que tem de elegância estilística, profundidade de análise e posicionamento crítico e ideológico, do qual, inclusive, discordamos eventualmente, mas por quem deveremos ter sempre o maior respeito possível. Sua obra espraia-se de maneira constante não apenas no comentário e na resenha ou ensaio eventual. Deve-se a ele a estruturação da revista *Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, que de 1945 a 1957, publicou dezenas de estudos profundos sobre nossa civilização. Moysés Vellinho, a par de seus posicionamentos ideológicos muito claros, sempre foi capaz de desenvolver profunda simpatia humana, animando a cena cultural, descobrindo talentos, ajudando escritores novatos a se lançarem, va-

lorizando, enfim, a produção literária provincial. A Coleção Letras da Província, igualmente idealizada por ele e que engloba alguns de seus principais ensaios, como o livro "Capitania del Rey", (7), e mais tarde "Fronteiras", é hoje obra de consulta obrigatória e constante. Sinteticamente, pode-se dizer que Moysés Vellinho defende uma posição lusitanista de formação cultural gaúcha, e em seu oposto surge, então, a figura de Manoelito de Ornelas, o poeta que, ao contrário, visualiza uma posição mais aberta, defendendo a influência espanhola em nossa formação, especialmente no livro "Gaúchos e Beduínos" (8).

Se Moysés Vellinho atravessa duas gerações, não podemos esquecer um outro nome que termina por ter, em sua ação, um ultrapassamento absoluto de nossas fronteiras, Augusto Meyer. Também poeta, com ele se inicia, digamos, a terceira fase da crítica literária tal qual é praticada entre nós, a crítica moderna e contemporânea, e sobre cuja evolução, Lygia Chiappini Leite justamente observa: "a crítica mudou muito nesse século".

De sólida formação humanística, ambientado com a linguagem científica que lhe permitirá rigorismo em suas análises, Augusto Meyer, por exemplo em "Prosa dos Pagos", traria uma das mais significativas contribuições para a análise e compreensão do fenômeno da gauchesca, elaborando, ao mesmo tempo, um Guia do Folclore Gaúcho e ainda realizando pesquisa de campo reunida em "Cancioneiro gaúcho" (9). Seu trabalho alcançaria tanta repercussão que, transferindo-se para o Rio de Janeiro, acabaria criando o Instituto Nacional do Livro, e nele, a Revista do Livro, de saudosa e profícua memória.

Neste terceiro período, o modernista, alinham-se dezenas

de nomes importantes, como o do poeta Theodomiro Tostes, que se tem dedicado à penosa tarefa da crítica de poesia; Mansueto Bernardi, primeiro diretor da Revista do Globo, Athos Damasceno Ferreira que se dedicou a Porto Alegre, antiga, Carlos Reverbel — o descobridor de Simões Lopes Neto e seu até então inédito "Causos de Romualdo", Lothar Hessel e suas pesquisas, Carlos Dante de Moraes — cuja ensaística é preciosa para todos os que escrevem sobre o Rio Grande do Sul, especialmente aquela reunida no livro "Figuras e Ciclos da História Rio-grandense". Podemos lembrar ainda o próprio Guilhermino César, mineiro de origem, gaúcho por adoção, ou Telmo Vergara, Pedro Wayne — na distante Bagé, e assim por diante.

Numa segunda geração destes contemporâneos, nomes como Paulo Hecker Filho, Carlos Jorge Appel, Angelo Ricci, Dionísio Toledo, Manoel Sarmiento Barata, Wilson Chagas, são menções obrigatórias, a que se unem Gerd Bornheim, Flávio Loureiro Chaves, Donald Schüller, Tânia Franco Carvalhal, Maria da Glória Bordini, e com isso ingressamos em novo grupo de críticos de que fazem parte José Hildebrando Dacanal, Regina Zilberman, Lygia Averbuck, Sergius Gonzaga, João Ernesto Weber e, mais recentemente Carlos Baugarten. Paremos por aqui, para que não acabemos com uma lista telefônica. O que importa dizer é que estes críticos mencionados de modo geral reúnem a uma atividade crítica exercida em resenhas de jornais ou revistas, a ensaística em livros e sobretudo a atividade professoral, em nossas universidades. É provável, inclusive, que eu tenha esquecido algum nome, mas este levantamento quis, sobretudo, mencionar apenas, através destes nomes as várias tendências da prática crítica que hoje se desenvolve entre nós.

II

Em 1870, na revista Arcadia, Bernardo Taveira Júnior, poeta e crítico eventual, abria um artigo intitulado "Mulher e Mãe", afirmando:

"A crítica literária ainda não existe em nossa província. Sem ela, nunca a nossa literatura poderá florescer com vantagem, porque ela, a verdadeira crítica, é para as letras o que o orvalho é para as plantas" (10).

Guardada a proporção da imagem, verifica-se a veracidade da afirmação e a importância da preocupação. Realmente, a crítica literária, como a própria literatura, tiveram nascimento tardio em nossa província. No entanto, sua importância é enorme para a vitalidade da atividade artística. Menciona o autor a "verdadeira crítica", mas termina por não demonstrar o que entende por esta crítica verdadeira, limitando-se a de tratar o jornalismo da época, que não dava maior espaço a este exercício.

Ora, na mesma época, Apolinário Porto Alegre, no já citado texto sobre "José de Alencar" (11), abordava a questão, mas discutia o conceito de crítica, que me parece lícito lembrar. Dizia ele:

"Criticar não é detrair, é pelo contrário fazer sentir o que há de belo, o que eleva, comove e impressiona-nos na leitura de um livro ou em presença de qualquer outra obra; é notar a imperfeição sem acrimônia, sem o cáustico motejo, sem ampliar a sombra a ponto de torná-la uma nuvem a envolver o

trabalho inteiro. Não há censura, há conselho; não é um zoilo que deprime, é um amigo que fala; é uma voz lhana que se ouve e não o diapasão de desapiedado carrasco.

A crítica entre nós tem tomado rumo por mares nunca d'antes navegados e vai de vela enfunada, como se não houvesse recifes.

Ou tem para tudo um capitólio, ou então uma tarpéia. É exclusiva em seus juízos ou alenta ou mata; às vezes estaza a pena em esforço (...), outras arqueja de cansaço na impossibilidade de arrancar o selo imperecível a uma feliz inspiração. Não vêem os perigos de semelhante sistema e vão mui anchos de si e quase seguros da glória na posteridade. Por isso se torna mais difícil encontrar o pensamento amplo e de larga intuição de Taine, Benloew e Teófilo Braga do que artefatos literários”.

Tiremos a data deste texto, e notemos sua atualidade. Apolinário, num primeiro momento, conceitua o trabalho de crítica, no que estamos plenamente de acordo com ele. Deve ser uma fala amiga, sem censura, capaz não de explicar, mas de evidenciar certas questões, da obra.

Por sugestão do prof. João Francisco Ferreira, do Programa de Extensão da UFRGS, participei, em 1977, de um debate sobre este tema, e cujos textos se encontram hoje editados (12). Na mesa redonda final, Sergius Gonzaga apontava duas alternativas para a crítica brasileira, nestes termos:

“O primeiro seria aquele que rompesse com a dominação do pensamento colonizador, destruindo aquela leitura idealista que sacraliza o objeto literário, dando-lhe uma imanência que não possui. O segundo seria restabelecer uma crítica informativa de bom nível.”

Há cerca de um mês, participando do II Bienal Nestlé de Literatura, integrei a mesa de debates sobre Interpretação Literária, ao lado, dentre outros, de Alfredo Bosi e Benedito Nunes. Ora, parece-me que a crítica literária e a interpretação literária, neste momento, confundem-se. Criticar é interpretar. E a interpretação depende da leitura de uma obra. O termo crítica advém de "krimos", grego, que significa escolher, julgar. No entanto, é um equívoco pensarmos exclusivamente numa crítica judicativa, como por vezes se pretende.

Escolher implica no tipo de leitura que se faça de um texto. Esta escolha pode ser consciente — e deve sê-lo, mas ela também acontece inconscientemente, isto é, como dizem aqueles ligados à cibernética e à teoria da informação, a gente só lê e vê o que já sabe, ou seja, o que nos interessa, porque corrobora nossas idéias. É verdade sim, e este risco corremos todos os que fazemos crítica literária, que por vezes deixamos de ver coisas óbvias em um trabalho. Mas não menos verdade é que, dependendo do equipamento do crítico, de sua formação intelectual ampla e universalista, de seu preparo de diversos vocabulários e códigos, a leitura de uma obra pode se dar sob níveis diversos. Esta, aliás, foi a proposta, se bem entendi, retomada por Benedito Nunes e Alfredo Bosi, na boa tradição do ensaio de Damaso Alonso e sua imagem da laranja. Ler criticamente é como apalpar a fruta. A intuição e a sensibilidade são básicas, embora se deva sempre ter em mente que elas ficam mais aguçadas conforme a formação anterior do crítico. Ou seja, a gente vai apalpando a fruta até encontrar aquele ponto chave onde a casca cede e a gente tenta chegar-lhe à polpa. Por vezes, é um caminho equivocado, e devemos retornar. Em outros mo-

mentos, não existe um único caminho, e devemos verificar a condição dos vários atalhos. A crítica, neste sentido, pressupõe leitura (que por seu lado é antecedida de uma seleção consciente ou não das chaves a serem usadas), ligando-se depois à compreensão do texto e enfim a sua interpretação. O texto literário em si já é crítico, e portanto, a crítica é sempre uma crítica sobre a crítica. Mas crítica, aqui, num sentido mais amplo do que aquele que sempre damos à palavra: crítica no sentido de apresentar-nos uma ampla ou várias pequenas perguntas a indagações sobre o mundo — no caso da obra literária, e sobre a obra literária e o mundo, no caso da crítica literária. O grande perigo, no qual temos caído diversas vezes, é ter-se um modelo teórico e querer-se encaixar de qualquer modo a obra dentro dele. Correndo o risco de ser mal interpretado, eu diria que cada obra gera seu próprio modelo. E a função da crítica é, justamente, verbalizar este modelo sem querer, com isso, esgotar a própria obra. Simplificadamente, isso significa dizer de uma outra maneira — maneira prosaica em oposição à maneira poética da obra literária, seja ela em verso ou não — aquilo que a obra disse de modo original, e sem querer ou poder substituí-la, em absoluto.

Esta questão levanta dois problemas outros, paralelos: o primeiro, de que sempre importamos modelos teóricos de avaliação crítica dos espaços geográfico-culturais ditos centrais, Europa e Estados Unidos. O segundo, de que ao pensarmos numa atividade crítica específica, mais profissionalizada, estamos aceitando e assumindo a tradicional divisão do trabalho que é também a divisão classista: eu sou um trabalhador intelectual, tu és um trabalhador manual. Eu sou capaz, tu és in-

capaz. Na verdade, a nuance é esta e ainda mais: eu sou tão marginal como tu, em relação ao centro do poder — e aqui já entraríamos em outra questão, a da marginalidade da produção cultural, inclusive a literária, tão bem abordada por Antonio Cândido, repetidas vezes e especialmente em *Literatura e Sociedade* (13) — mas sou mais facilmente cooptado ao poder central através das premiações, de um reconhecimento oficial que a divisão do trabalho facilita, através do reconhecimento de um status diferenciador que, ao me permitir ditar regras, esconde, ao menos temporariamente, a minha real e efetiva dependência em relação ao Poder, na medida em que me dá um poder temporário, intermediário e provisório.

Não quero nem posso, aqui, esgotar o assunto. Nesta segunda parte de minha fala, quis apenas esboçar algumas questões teóricas que poderíamos avançar para discutir a questão, e que talvez no diálogo que, espero, vá se seguir, possamos ampliar.

Para finalizar, quero apenas fazer este paralelo. Nossa crítica já viveu o impressionismo, depois o historicismo, com a ditadura e o AI-5 sofreu o estruturalismo, e agora está sob a retórica do que chamaria de recepcionismo. Há alguns que preferem o sociologismo, outros o psicologismo e até o psiquiatrismo. Casualmente, coincidentemente ou não, a crítica criativa e indagadora praticamente desapareceu durante os primeiros anos da ditadura de 64, cedendo lugar ao formalismo esvaziado e abstrato de estruturalismo tupiniquim de meio caminho. Felizmente nos anos 70 tivemos uma excelente reação, e a crítica reencontrou caminhos importantes. Note-se, porém, que, paralelamente à crise sem precedentes que o RGS vive, crise que,

sob perspectiva ampla, arrasta-se desde a aurora da república, mas está aguçada com o modelo econômico a nós imposto e cuja contradição hoje evidente agudiza a situação nos últimos cinco anos, todo o processo cultural gaúcho tem se esvaziado, neutralizado por esta situação. A crise, o esvaziamento, a falta de perspectivas da produção cultural gaúcha é inédita, com a ressalva exatamente da produção literária. E aqui a aparente contradição: temos talvez o maior conjunto de críticos ou de pessoas hábeis a praticar a atividade crítica, de maneira sistemática e profissional como há muito não temos. No entanto, no mesmo momento em que também temos a mais significativa produção literária, com repercussão nacional e até internacional como jamais tivemos, e paralelamente ao chamado processo de abertura democrática que experimentamos desde 1979, mais ou menos, sofremos o maior estrangulamento econômico jamais visto e, conseqüentemente, o desaparecimento dos espaços destinados à crítica.

O fechamento dos jornais tem impossibilitado a resenha. O desaparecimento dos suplementos literários impede o ensaio. As eventuais revistas mostram-se fechadas à colaboração fora do esquema do scholar, isso quando a entidade universitária possui alguma revista. Em síntese, a crítica hoje é quase impossível de ser feita, pelo simples e profundamente lamentável fato de que não existe espaço. Ela tem-se restringido a debates, alguns livros publicados e através de cartas que se enviam aos escritores, mas sem maior repercussão. Nossos escritores dependem, mais do que nunca, da opinião individualizada ou das decisões político-econômicas das revistas do centro do país, que por sua vez ligam-se apenas às grandes editoras. Então, temos

aí cerca de dez nomes consagrados que formariam um primeiro time de escritores reconhecidos. E os outros? Nada, o silêncio absoluto. E este é um desafio, para os escritores, como para os próprios críticos e os leitores. Precisamos abrir, com a maior urgência, novos espaços para a crítica. Ela é fundamental para um pensamento criativo, para o desenvolvimento de nossas letras, de nossa cultura e, porque não dizer, de nossa própria identidade cultural.

NOTAS

- (1) CESAR, Guilhermino. "História da Literatura do Rio Grande do Sul", Editora Globo, Porto Alegre, 1971.
- (2) ZILBERMAN, Regina et alii. "O Partenon Literário — Poesia e Prosa", Instituto Cultural Português — Escola Superior de Teologia, Porto Alegre, 1980.
- (3) SILVA, João Pinto da. História Literária do Rio Grande do Sul", Livraria do Globo, 1924.
- (4) LEITE, Lygia Chiappini Moraes. "Modernismo no Rio Grande do Sul". Instituto de Estudos Brasileiros — USP, São Paulo, 1972.
- (5) HOHLFELD, Antonio. "Gaúcho: Ficção e realidade", Antares—INL, Rio de Janeiro, 1982.
- (6) BARCELLOS, Rubens de. "Estudos Rio-grandenses", Editora Globo. Porto Alegre, 1960.
- (7) VELLINHO, Moysés. Toda a obra de Moysés Vellinho está publicada na Editora Globo, em anos diversos.
- (8) ORNELLAS, Manoelito de. "Gaúchos e Beduínos", Editora José Olympio. Rio de Janeiro. 1976.
- (9) MEYER, Augusto. "Cancioneiro gaúcho", Editora Globo. Porto Alegre, 1952. A obra de Augusto Meyer tem sido sucessivamente reeditada por diversas editoras, dentre as quais, mais recentemente, a Presença. Quanto à análise de sua obra podem-se consultar os dois ensaios publicados por Tânia Franco Carvalhal, respectivamente pela Editora Globo e L&PM Editores.
- (10) Apud bibliografia mencionada na nota 2.
- (11) Idem nota 10. et alii.
- (12) HESSE, Reinhardt. "Crítica Literária em nossos dias e literatura marginal", Editora da UFRGS, Porto Alegre, 1981.
- (13) CANDIDO, Antonio. "Literatura e Sociedade", Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1980.

NOTAS

- (1) CESAR Guibermínio, "História da Literatura do Rio Grande do Sul", Editora Globo, Porto Alegre, 1971
- (2) ZILBERMAN, Regina et alii "O Porteno Literário — Poesia e Prosa", Instituto Cultural Português — Escola Superior de Tecnologia, Porto Alegre, 1980
- (3) SILVA, João Pinto da, "História Literária do Rio Grande do Sul", Livraria do Globo, 1934
- (4) LEITE, Lygia Chiappini Moraes, "Modernismo no Rio Grande do Sul", Instituto de Estudos Brasileiros — USP, São Paulo, 1972
- (5) HOHLFELD, Antonio, "Gêneros: Fação e realidade", Antares—INL, Rio de Janeiro, 1982
- (6) BARCELLOS, Rubens de, "Estudos Rio-grandenses", Editora Globo, Porto Alegre, 1960
- (7) VELLINHO, Moyses, "Toda a obra de Moyses Vellinho está publicada na Editora Globo, em anos diversos"
- (8) ORNELLAS, Manoel de, "Gêneros e História", Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 1976
- (9) MEYER, Augusto, "Cantoneiro gaúcho", Editora Globo, Porto Alegre, 1951. A obra de Augusto Meyer tem sido sucessivamente reeditada por diversas editoras, dentre as quais, mais recentemente, a Presença. Quanto à análise de sua obra poética se consultar os dois ensaios publicados por Tânia Franco Cavallini, respectivamente pela Editora Globo e L&PM Editores
- (10) Àquelas bibliografias mencionadas na nota 9
- (11) Idem nota 10 et alii
- (12) HESSER, Renato, "História da Literatura do Rio Grande do Sul", Editora Nacional, São Paulo, 1976
- (13) CANDIDO, Antonio, "O Romancista", Editora Nacional, São Paulo, 1976



Composição e Impressão
LIVRARIA MUNDIAL
 PELOTAS - 1988